

Jesus pode ser considerado Deus?

A verdade é mais grandiosa que a mente finita do homem, e nossa falta de habilidade de perceber todos os aspectos e significados de uma verdade não significa que esta não exista. (J.J. VAN DER LEEUW).

O engano é necessário para se obter e manter o poder e vantagem sobre os outros. (JOHN SNYDER)

Esse assunto torna-se recorrente, visto determinadas pessoas ainda insistirem na tese de que Jesus seja o próprio Deus, tomando-se uma ou outra passagem bíblica para justificar essa interpretação. Obviamente, que faz parte de quase todas as culturas religiosas a crença de que a divindade a qual prestavam culto viria a Terra e após fecundar uma mulher, essa sempre uma virgem, daria nascimento a um semideus. Se não estivermos nos enganando na interpretação do pensamento do psiquiatra suíço C. G. Jung (1875-1961), o fundador da psicologia analítica, isso poderia ser classificado como um arquétipo (JUNG, 1988).

O certo é que Jesus, tendo nascido e vivido como um judeu, nunca diria tal coisa; é o que, de fato, percebemos pelas narrativas dos Evangelhos. A lei judaica seria implacável quanto a isso; certamente, que resultaria no apedrejamento, até a morte, do blasfemo, num rito sumário sem qualquer possibilidade de apelação para alguma instância superior.

Como ainda não tivemos a oportunidade de fazer um estudo sobre o tema, vamos aproveitar esse momento para fazê-lo, de uma forma bem abrangente; para isso é necessário que analisemos várias passagens bíblicas, nas quais estaremos grifando os trechos que julgamos importantes, visando ressaltá-los.

Mt 1,22-23: *"Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: 'Vejam: **a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco**'".*

Essa passagem certamente que nada tem a ver com o assunto; entretanto, vemos que, algumas vezes, é usada para justificar a condição de Jesus ser Deus, por ter vindo cumprir essa e muitas outras supostas profecias. Não vamos aqui estender muito a explicação sobre isso, pois ela poderá ser vista no seu todo em nosso texto "Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?", disponível no site www.paulosnetos.net. (1).

Em Isaías é que iremos encontrar a conjecturada profecia relacionada a esse passo: *"Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel". (Is 7,14)*. Entretanto, pelo contexto bíblico, iremos perceber que, na verdade, Deus está prometendo um sinal ao rei Acáz, que seria exatamente o filho dele que estaria por nascer, o que podemos confirmar com a seguinte explicação: "O sinal prometido a Acáz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida. Esse menino que está por nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco)". (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 955).

Outro fato curioso é que o nome Jesus significa "Deus é salvação"; obviamente, diferente de Emanuel que quer dizer "Deus está conosco", que é aquele previsto na passagem tida como profecia para ser dado à criança.

Mc 2,7: *"Por que fala assim este homem? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados **senão um só, que é Deus?**"*

1 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>.

Mc 10,18: "Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? **ninguém é bom, senão um que é Deus**".

Jo 5,44: *Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros e não buscais a glória que **vem do único Deus**?*

Jo 17,3: *E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o **único Deus** verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste.*

Rm 3,30: "De fato, **há um só Deus** que justifica, pela fé, tanto os circuncidados como os não circuncidados".

Rm 16,27: "**ao único Deus** sábio seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém".

1Cor 8,4: "Quanto, pois, ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que **não há outro Deus, senão um só**".

1Cor 8,6: "Contudo **para nós existe um só Deus**: o Pai. Dele tudo procede, e para ele é que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos".

Gl, 3,20: "Ora, esse intermediário não representa uma pessoa só, e **Deus é um só**".

Ef 4,6: "**Há um só Deus** e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos".

1Tm 1,17: "Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, **ao único Deus**, seja honra e glória para todo o sempre. Amém".

1Tm 2,5-6: "**Porque existe um só Deus**. E entre ele e os homens há um só intermediário, que é Jesus Cristo seu Filho, que é, ele próprio, homem também; o qual se deu a si mesmo como preço da salvação de toda a humanidade. Esta é a mensagem que Deus trouxe ao mundo no momento oportuno"

Tg 2,19: "Você acredita que **existe um só Deus? Muito bem!** Só que os demônios também acreditam, e tremem!"

Jd 1,24-25: "Àquele que pode guardar-vos da queda e apresentar-vos perante sua glória irrepreensíveis e jubilosos, **ao único Deus**, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, poder e domínio, antes de todos os séculos, agora e por todos os séculos! Amém".

Um dos pontos fortes para que Jesus fosse elevado à condição de Deus está, certamente, na crença da Trindade, onde a divindade seria três pessoas, iguais e distintas ao mesmo tempo. Não iremos abordar essa questão aqui, por já ter feito um estudo sobre o tema; mas iremos apenas argumentar que, por essas passagens, não há como atribuir tal coisa; julgamos ser interpretações equivocadas de quem quer vê-las assim, porquanto nenhum desses textos fala disso. E, para ver que crença de Deus ser um só não é coisa nova, citamos do Antigo Testamento:

Dt 4,35: "Foi a você que lhe mostrou isso, para você ficar sabendo que **Javé é o único Deus e que não existe outro além dele**".

Dt 4,39: "Portanto, reconheça hoje e medite em seu coração: **Javé é o único Deus**, tanto no alto do céu, como aqui em baixo, na terra".

Is 44,6: "Assim diz Javé, o Rei de Israel, seu redentor, Javé dos exércitos: Eu sou o primeiro, eu sou o último, **fora de mim não existe outro Deus**".

Is 45,14: "Deus está somente com você e **não existe nenhum outro, não existem outros deuses**".

Is 45,18: "Porque assim diz, Javé, que criou os céus, **o único Deus**, que formou a terra, que a fez e a firmou em suas bases; ele não a fez para ser um caos, mas para

ser habitada; Eu sou Javé e não existe outro”.

Is 46,9: *“Lembrem-se das coisas há muito tempo passadas, pois eu sou Deus, e não existe outro. **Eu sou Deus, e não existe outro igual a mim”.***

1Rs 8,60: *“Assim, todos os povos da terra saberão que **só Javé é Deus e que não há nenhum outro”.***

Se você, leitor, se interessar pelo tema Trindade, pedimos a sua permissão para lhe recomendar o nosso texto “Trindade: um mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos”, (2).

Mt 4,1-11: *“Então **foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo.** E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. Chegando, então, **o tentador, disse-lhe: 'Se tu és Filho de Deus** manda que estas pedras se tornem em pães'. Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: 'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus'. Então o Diabo o levou à cidade santa, colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: **'Se tu és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e: eles te susterão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra'.** Replicou-lhe Jesus: 'Também está escrito: **Não tentarás o Senhor teu Deus**'. Novamente o Diabo o levou a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles; e disse-lhe: 'Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares'. Então ordenou-lhe Jesus: 'Vai-te, Satanás; porque está escrito: 'Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás'. Então o Diabo o deixou; e eis que vieram os anjos e o serviram”.*

No Evangelho segundo Marcos, o primeiro a ser escrito, segundo os especialistas, não se especifica essas três tentações; o autor diz, apenas, genericamente, que no período assinalado Jesus foi tentado por Satanás. No de Lucas, no final do relato, há algo interessante; nele narra-se: *“Assim, tendo o Diabo acabado toda sorte de tentação retirou-se dele até ocasião oportuna”* (Lc 4,13). O que nos chamou a atenção foi a expressão “retirou-se dele”, dando a impressão de que Jesus estava possuído pelo diabo, o que vai muito além das tentativas de levar o Mestre a fazer as cousas que lhe foram sugeridas por ele.

Causou-nos muita estranheza o fato de Jesus, ao ser sugerido para adorar o tentador, tenha dito *“não tentarás o Senhor teu Deus”*, uma vez que o “dito cujo” o havia reconhecido apenas como o Filho de Deus e não como Deus. Essa afirmativa pode levar à interpretação de que aqui Jesus estaria insinuando que ele seria o próprio Deus, fato que não vemos a não ser em algumas narrativas de João, caso não tenhamos maior cuidado em buscar o sentido exato do que este fala.

A grande dúvida que nos envolve é: se as tentações de Jesus, que aqui nos são narradas, de fato ocorreram, então, é evidente a contradição, em si considerando Jesus como sendo Deus, com o que foi dito por Tiago, pois, segundo ele *“Deus não pode ser tentado pelo mal”* (Tg 1,13); assim, não nos cabe aceitar Jesus como sendo mesmo o próprio Deus.

Por outro lado, ampliando nosso campo de pesquisa, verificamos que essa suposta tentação de Jesus tem precedentes em outras culturas religiosas. O escritor, filósofo, filólogo e historiador francês Ernest Renan (1823-1892), por exemplo, nos informa um fato curioso; diz ele que *“O deserto era, segundo a crença popular, a morada dos demônios”.* (RENAN, 2004, p. 165). Aliás, até mesmo os hebreus assim pensavam, conforme comprovam estas passagens:

*Lv 16,10: “mas **o bode** sobre que cair a sorte para Azazel será posto vivo perante o Senhor, **para fazer expiação com ele a fim de enviá-lo ao deserto para Azazel**”.*

Lv 16,20-22: “... Arão... apresentará o bode vivo; e, pondo as mãos sobre a cabeça do

2 SILVA NETO SOBRINHO, Trindade: um mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos: disponível em: <https://paulosnetos.net/article/trindade-o-misterio-imposto-por-um-leigo-e-anuido-pelos-teologos-ebook>

3 Azazel, conforme nos informam os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* (p. 183-184), é o nome de um demônio que os antigos hebreus e cananeus acreditavam que habitasse o deserto.

*bode vivo, confessará sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel, e **todas as suas transgressões, sim, todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e envia-lo-á para o deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para uma região solitária; e esse homem soltará o bode no deserto***".

Lv 17,7: "*Daqui em diante e para sempre, **os israelitas nunca mais oferecerão sacrifícios aos demônios do deserto, pois, se fizerem isso, estarão sendo infiéis a Deus***".

Encontramos nessa crença, de que os demônios moravam no deserto, o motivo pelo qual Jesus foi levado ao deserto para ser tentado. E, segundo Juan Arias (1932-), jornalista, pesquisador, escritor e ex-padre "o que o demônio propõe a Jesus em suas tentações são justamente coisas típicas dos magos, como voar através das nuvens ou transformar pedras em pães" (ARIAS, 2001, p. 177). Devemos também somar a isso uma outra crença, a de que os líderes espirituais deveriam sofrer algum tipo de tentação antes de iniciarem a sua missão. Vejamos alguns exemplos:

Mais ou menos com a idade de 30 anos, isto é, com a mesma idade de Jesus, **Buda** inicia sua carreira espiritual. Durante um jejum e penitência, **é tentado pelo mal** da mesma forma como Jesus o foi pelo diabo, após quarenta dias e quarenta noites de abstinência. No Oriente é comum uma história que atribui a **Zoroastro uma semelhante tentação, que também aparece na saga dos santos cristãos**. (KERTEN, 1988, p. 85) (grifo nosso).

Durante sete dias **Buda** permaneceu sentado sob a árvore *bodhi*, sem se mover, em abençoado êxtase. Conta a lenda que, durante esse período, ele **foi tentado por Mara, o demônio**. (KERSTEN e GRUBER, 1995(?), p. 28) (grifo nosso).

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. **Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata**, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão. (ARIAS, 2001, p. 112) (grifo nosso).

Portanto, as mencionadas tentações de Jesus nada mais são do que um reflexo de culturas religiosas, incorporadas aos Evangelhos para que o mesmo padrão do que acontecia com os que eram considerados filhos de deuses e/ou seus reveladores fosse mantido.

Corroborando nosso entendimento, veja o leitor o que dizem os evangelhos:

Mt 4,16-17: "*Batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele; e eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo*".

Mc 1,9-11: "*E aconteceu naqueles dias que veio Jesus de Nazaré da Galileia, e foi batizado por João no Jordão. E logo, quando saía da água, viu os céus se abrirem, e o Espírito, qual pomba, a descer sobre ele; e ouviu-se dos céus esta voz: Tu és meu Filho amado; em ti me comprazo*".

Lc 3,21-22: "*Quando todo o povo fora batizado, tendo sido Jesus também batizado, e estando ele a orar, o céu se abriu; e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se do céu esta voz: Tu és o meu Filho amado; em ti me comprazo*".

Jo 1,32: "*E João deu testemunho, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar sobre ele*".

Interessante é a divergência; afinal, o que se viu?: o Espírito Santo de Deus, o Espírito Santo ou simplesmente o Espírito? E como será que desceu sobre ele? Vejamos o que Bart D. Ehrman (1955-) nos diz: "Ver, por exemplo, Marcos 1:10. Em grego, o versículo diz literalmente que o Espírito desceu '**para dentro**' de Jesus". (EHRMAN, 2008, p. 374) (grifo nosso). Ora, se o Espírito desceu para dentro de Jesus, caso seja esse espírito o Espírito Santo,

então, pode-se concluir que os dois (Jesus e o Espírito Santo) são distintos um do outro. E mais que o Espírito Santo é maior do que Jesus, porquanto, somente após a “descida” desse espírito sobre Ele é que o Nazareno inicia a sua pregação ao povo, desempenhando a sua missão de Messias, após o caminho endireitado por João (Mt 3,3) ou seja, depois de estar sob a ação do Espírito Santo. Isso será confirmado em Mt 12,31-32, que analisaremos um pouco mais à frente.

Mt 9,6-8: *“Pois bem, para que vocês saibam que o **Filho do Homem** tem poder na terra para perdoar pecados - então disse Jesus ao paralítico: Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa’. O paralítico então se levantou, e foi para a sua casa. Vendo isso, a multidão ficou com medo e **louvou a Deus, por ter dado tal poder aos homens**”.*

A expressão “Filho do Homem”, encontrada inúmeras vezes (doze vezes em Mateus, treze vezes em Marcos, vinte e seis vezes em Lucas e doze vezes em João), foi usada por Jesus para se colocar como um homem e não como o próprio Deus; fato que também pode ser observado, quando, após curar esse paralítico, a multidão louvou a Deus por ter dado tal poder aos homens, ou seja, com isso estavam se referindo a Jesus como homem; portanto, é certo que o tinham mesmo nessa condição, não como sendo o próprio Deus.

Mt 11,27: *“**Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar**”.*

Caso Jesus se considerasse Deus não havia razão para Ele dizer que recebera todas as coisas do Pai, porquanto, já as tinha por si mesmo.

Mt 12,31-32: *“É por isso que eu digo a vocês: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Quem disser alguma coisa contra o Filho do Homem, será perdoado. Mas quem **disser algo contra o Espírito Santo, nunca será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo que há de vir.**”*

Ora, se toda blasfêmia contra o Filho do Homem será perdoada e a contra o Espírito Santo nunca será, a conclusão, que depreendemos disso, é que ele, o Espírito Santo, é superior ao Filho do Homem, além de não ser Jesus. Então, a igualdade na Trindade, propalada pelos que nela creem, não existe. Se não existe, consequentemente, Jesus, não podendo ser o Espírito Santo, muito menos poderá ser Deus.

Mt 12,48-49: *“Ele, porém, respondeu ao que lhe falava: Quem é minha mãe? e quem são meus irmãos?·E, estendendo a mão para os seus discípulos disse: **Eis aqui** minha mãe e **meus irmãos**”.*

Mt 25,34-40: *“Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.·E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que **o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes**”.*

Mt 28,9-10: *“E eis que Jesus lhes veio ao encontro, dizendo: Salve. E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram. Então lhes disse Jesus: Não temais; ide dizer **a meus irmãos** que vão para a Galileia; ali me verão”.* (fato ocorrido depois de sua ressurreição).

Jo 10,17: *“Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas **vai a***

meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”.

Ao tratar a todos, povo e discípulos, como irmãos, Jesus, seguramente, o faz por ter a si mesmo nessa condição; não numa infinitamente mais elevada, que seria aquela se Ele fosse a própria divindade. E, numa outra oportunidade, afirmou: “*Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim, esse também **fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para o Pai;***” (Jo 14,12). Ora, disso não podemos concluir outra coisa senão que Jesus se igualou a todos nós, a não ser que tenhamos o que aqui está dito como inverídico.

Mt 14,23: “*Tendo-as despedido, subiu ao monte para **orar** à parte. Ao anoitecer, estava ali sozinho*”.

Mt 26,36: “*Então foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmane, e disse aos discípulos: **Sentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar***”.

Mt 26,39: “*E adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e **orou**, dizendo: **Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice**; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres*”.

Mt 26,44: “*Deixando-os novamente, foi **orar** terceira vez, repetindo as mesmas palavras*”.

Lc 3,21: “*Quando todo o povo fora batizado, tendo sido Jesus também batizado, e estando ele a **orar**, o céu se abriu;*”

Lc 6,12: “*Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar; e passou a noite toda em **oração** a Deus*”.

Lc 9,28: “*Cerca de oito dias depois de ter proferido essas palavras, tomou Jesus consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte para **orar***”.

Mantendo-se a crença de que Jesus é Deus, julgamos totalmente fora de propósito Ele orar para si mesmo; tal coisa, por tão absurda, fere-nos a razão. Até onde sabemos somente os mortais comuns oram a Deus. E, inclusive, num desses momentos, Jesus pede a Deus para afastar dele o cálice, fraqueza não condizente com a sua condição de Espírito puro, mensageiro divino; pior ainda se ele fosse mesmo Deus.

Mt 16,13-14: “*Tendo chegado à região de Cesareia de Filipe, Jesus perguntou aos discípulos: ‘Quem dizem por aí as pessoas que é o filho do homem?’ Responderam: ‘Um dizem que é João Batista, outras que é Elias, outras enfim, que é Jeremias ou algum dos **profetas**’*”.

Mt 26,67-68: “*Então, cuspiram no seu rosto e cobriram-no de socos. Outros lhe davam bordoadas. E lhe diziam: ‘Mostra que és **profeta**, ó Cristo, advinha quem foi que te bateu?’*”

Jo 7,40: “*Muitos daquela gente que tinham ouvido essas palavras de Jesus afirmavam: ‘Verdadeiramente ele é o **profeta**’*”.

Jo 9,17: “*Perguntaram ainda ao cego: ‘Qual é a tua opinião a respeito de quem te abriu os olhos?’ Respondeu: ‘É um **profeta**’*”.

Lc 24,19 “*... Jesus de Nazaré foi um **profeta**, poderoso em obras e palavras diante de Deus e do povo*”.

At 2,22: “*Homens de Israel, escutai o que digo: ‘Jesus de Nazaré foi **o homem credenciado por Deus** junto a nós com poderes extraordinários, milagres e prodígios. Bem sabeis as coisas que Deus realizou através dele no meio de vós’*”.

Por esses passos temos, seguramente, que o povo e os discípulos pensavam ser Jesus um profeta e não o próprio Deus; porém, não é só isso: Ele mesmo assim se qualificava; senão vejamos:

Lc 13,33: "Entretanto devo continuar meu caminho hoje, amanhã e no dia seguinte, porque não convém que um **profeta** morra fora de Jerusalém".

Mc 6,4-5: "Mas **Jesus** lhes dizia: 'Um **profeta** só deixa de ser honrado em sua pátria, em sua casa e entre seus parentes. E **não podia ali fazer milagre algum**'".

Observamos, assim, que tanto o povo como os seus discípulos acreditavam que Jesus era um profeta, o que aqui, nesses passos, está sendo confirmado pelo próprio Mestre. Na passagem que se segue também veremos como o tinham.

Mt 17,1-6: "Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: 'Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, **farei aqui três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias**'. Estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Os discípulos, ouvindo isso, caíram com o rosto em terra, e ficaram grandemente atemorizados".

Percebemos que Pedro, ao sugerir a construção de três cabanas⁴, uma para cada um dos personagens - Jesus, Moisés e Elias -, o faz porque tem os três no mesmo nível, ou seja, estabeleceu uma igualdade entre eles; via de consequência, tomou Jesus como um profeta, tal e qual os outros dois foram, sem qualquer tipo de privilégio, como aconteceria caso o visse como Deus.

Mt 20,20-23: "Aproximou-se dele, então, a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, ajoelhando-se e fazendo-lhe um pedido. Perguntou-lhe Jesus: 'Que queres?' Ela lhe respondeu: 'Concede que estes meus dois filhos se sentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino'. Jesus, porém, replicou: 'Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que eu estou para beber?' Responderam-lhe: 'Podemos'. Então lhes disse: 'O meu cálice certamente haveis de beber; **mas o sentar-se à minha direita e à minha esquerda, não me pertence concedê-lo; mas isso é para aqueles para quem está preparado por meu Pai**'".

Certamente que, se houvesse igualdade entre Jesus e Deus, Ele mesmo poderia ter atendido ao pedido da mãe dos filhos de Zebedeu; porém, não o fez e foi logo dizendo que somente o Pai poderia fazê-lo. Portanto, não há como aceitar que Jesus seja Deus, usando-se de seus próprios argumentos.

Mt 24,30-36: "**Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem**, e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande clangor de trombeta, os quais lhe ajuntarão os escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Aprendei, pois, da figueira a sua parábola: Quando já o seu ramo se torna tenro e brota folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, mesmo às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas se cumpram. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão. **Daquele dia e hora, porém, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão só o Pai**".

Se encontramos alguma coisa que Jesus, o filho, não sabe, somente o Pai é que tem conhecimento, não há razão para supô-los uma só personalidade. Será que o Pai tem segredos para Jesus ou existem coisas que estariam acima do conhecimento deste? Qualquer que seja a resposta, dela nós só podemos concluir que nem tudo o filho sabe; portanto, diante disso, Jesus não pode ser Deus.

4 Algumas traduções trazem tendas, que significa, abrigos rústicos para residência temporária. (Bíblia Anotada, p. 1209).

Mt 27,46: "Cerca da hora nona, bradou Jesus em alta voz, dizendo: *Eli, Eli, lamá sabactani; isto é, Deus meu, **Deus meu, por que me desamparaste?***".

Totalmente fora de propósito, caso Jesus fosse Deus, Ele clamar a si próprio (Deus) por tê-Lo desamparado. Aliás, em outra oportunidade, Ele disse "meu Pai, vosso pai, meu Deus, vosso Deus" (Jo 20,17); portanto, reforçando sua condição de igualdade para conosco, uma vez que Ele não se coloca nem mesmo como alguém superior a qualquer um de nós, como também como sendo Deus. Por sua elevação moral, pode, nesse sentido, ser considerado superior, pois é um Espírito puro que nos foi enviado por Deus, para regenerar a humanidade.

Mt 28,2: "E eis que houvera um grande terremoto; pois um **anjo** do Senhor descera do céu e, chegando-se, **removera a pedra** e estava sentado sobre ela".

Na intimidade, ficamos confabulando com "os meus botões" sobre os grandes prodígios atribuídos a Deus, tais como criar o Universo, mandar chover para inundar a Terra de água, confundir a língua dos terráqueos, abrir o Mar Vermelho em duas muralhas, parar o Sol para aumentar as horas do dia, fazer chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra, derrubar as muralhas de Jericó, entre outros feitos extraordinários narrados na Bíblia, como não pôde mover uma simples pedra que fechava seu túmulo, foi preciso que um anjo, uma insignificante de suas criaturas, o fizesse? Diria um homem precavido: "Sei não, mas esse aí, que colocaram no túmulo, não poderia ser Deus".

Mc 1,24: "Que temos nós contigo, Jesus, nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: **o Santo de Deus**".

Tomando-se como verdadeira essa passagem, estaremos diante de uma situação bem embaraçosa, pois satanás, aquele que dizem ter sido expulso do céu, identifica Jesus como o Santo de Deus e não o próprio. Essa informação é importante, uma vez que ele, satanás, sendo um dos filhos de Deus, que vivia no reino dos céus (Jó 1,6), conhecia pessoalmente a Deus, vamos assim dizer, então, como atribuiu a Jesus outra condição? Diante do que se coloca aqui, não nos cabe aceitar Jesus como sendo mesmo o próprio Deus.

Mc 10,18: "Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? **ninguém é bom, senão um que é Deus**".

Se Jesus não aceita o epíteto de bom, porquanto, segundo sua maneira de pensar, isso só pode ser atribuído a Deus; assim, não há outra conclusão a chegar senão a de que Ele não se considerava como sendo o próprio Deus, por mais que queiram, via dogmatismo, colocá-Lo nessa condição.

Mc 10,27: "Jesus, fixando os olhos neles, respondeu: Para os homens é impossível, mas não para Deus; **porque para Deus tudo é possível**."

É a resposta dada por Jesus, quando foi questionado sobre quem poderia ser salvo. Seria mais lógico, caso fosse a divindade, Ele ter se incluído nessa afirmativa, quem sabe, dizendo: "... porque para mim tudo é possível".

Mc 12,26-27: "Quanto aos mortos, porém, serem ressuscitados, não lestes no livro de Moisés, onde se fala da sarça, **como Deus lhe disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, ele não é Deus de mortos, mas de vivos. Estais em grande erro**".

Da mesma forma, que na situação anterior, aqui Ele deveria ter dito: "como eu já lhes disse: **eu** não sou Deus de mortos".

Mc 15,39: "Ora, o centurião, que estava defronte dele, vendo-o assim expirar, disse: **Verdadeiramente este homem era filho de Deus**".

Se o reconhecessem como Deus essa frase só teria sentido se estivesse dessa forma: "Verdadeiramente este homem era Deus"; até mesmo porque, devemos convir, satanás também é filho de Deus (Jó 1,6). Nesse caso, podemos até dizer que satanás seria filho de

Jesus. Então como Jesus não o repreendeu como a um filho, quando ele O tentava no deserto?

Lc 1,35: "*Respondeu-lhe o anjo: 'Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus'*".

Será que o anjo se enganou, ou realmente toda a corte celeste tem Jesus como um homem? Portanto, se O chamavam de "santo, filho de Deus" isso não é tê-lo como o próprio Deus.

Quanto ao uso da expressão "filho de Deus", o jornalista Pepe Rodríguez (1953-) coloca o seguinte:

Jesus, apesar de saber que a expressão "Filho de Deus" tinha sido normalmente utilizada no Velho Testamento para designar figuras particularmente importantes da história hebraica – como David, Salomão, outros reis hebreus, o próprio Adão e os "filhos de Israel" –, **em nenhuma passagem se refere a si próprio como filho de Deus (6), preferindo utilizar a expressão "Filho do homem"**, um termo utilizado por Daniel (Dan 7,13) e que, em aramaico, significa simplesmente "homem", "ser humano" e nada mais. Procurar dar-lhe um outro qualquer significado não passa de um exercício próprio de uma imaginação febril.

6. A única exceção encontramos-la em Jo 6,32-45: "Moisés não vos deu o pão do céu; é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu; porque o pão de Deus é o que baixou do céu e dá vida ao mundo. [...] Eu sou o pão da vida; o que vem a mim deixará de ter fome, e o que crê em mim jamais sentirá sede, [...] todo aquele que o Pai me dá vem a mim, e aquele que vem a mim não o deitarei fora, porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. [...] Porque esta é a vontade de meu Pai, que todo aquele que vê o Filho e crê n'Ele recebe a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. [...] Todo aquele que escuta o meu Pai e recebe o seu ensinamento, vem a mim..." Porém, como mostrámos no seu devido momento, **o texto do Evangelho de João, escrito pelo grego João, o Ancião, em princípios do século II, revela um Jesus absolutamente deformado, que fala com uma prepotência descarada, contrariamente à humildade que o caracteriza nos relatos dos três sinópticos**. Por exemplo, em Mc 10,18, deparamos com um Jesus que diz: "Porque me chamas bom? Ninguém, a não ser Deus, é bom". Por outro lado, o Jesus do Evangelho de João fala de uma maneira azeda com os outros judeus e as suas afirmações soam a absurdas na boca de um judeu, quando tudo o que sabemos sobre ele é que foi um judeu. **Esta autodesignação como filho de Deus não merece, pois, qualquer crédito, em termos históricos, além de nela ser claramente evidente a influência da filosofia platónica**. Como se sabe, foi no contexto dessa filosofia que se desenvolveu a cristologia tal como a conhecemos hoje.

(RODRÍGUEZ, 2007, p. 178) (grifo nosso).

Baseando-nos no título da obra de Rodríguez, da qual transcrevemos esse texto, diremos que a elevação de Jesus ao status de um deus faz parte das "Mentiras fundamentais da Igreja Católica".

Lc 2,40: "*E o menino ia crescendo e fortalecendo-se, ficando cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele*".

Essa narrativa é uma das poucas referências à infância de Jesus. Nela não vemos sentido dizer que a graça de Deus estava sobre Ele, caso fosse o próprio Deus, uma vez que, para se chegar a essa conclusão, teria que ser afirmado algo mais ou menos assim: "a graça de Deus era ele".

Lc 3,23: "*Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou sua atividade pública. E, conforme se pensava, ele era filho de José, [...]*".

Será que até aos trinta anos de vida, Jesus não foi considerado, pelos de Sua época, como sendo Deus, deixando-se para fazê-lo depois? Ou será que O tornaram Deus posteriormente? Ficamos com a segunda hipótese.

Jo 1,1-14: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio como testemunha, a fim de dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo. Estava ele no mundo, e **o mundo foi feito por intermédio dele**, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus. **E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós**, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, **como a glória do unigênito do Pai**".

Certamente, que Jesus sendo o Verbo de Deus, ou seja, aquele por quem Deus envia a Sua mensagem à humanidade, ao encarnar-se como ser humano, podemos considerar o Verbo se fazendo carne. Entretanto, o que não podemos fazer, por falta de lógica, é admitir que Jesus seja o próprio Deus encarnado, uma vez que se Deus não cabe num templo, com muito maior razão, não caberia num corpo humano, templo do Espírito. Salomão, com sua sabedoria, percebeu que: "Mas, na verdade, **habitará Deus na terra? Eis que o céu, e até o céu dos céus, não te podem conter; quanto mais esta casa que edifiquei!**" (1Rs 8,27), ou seja, nem mesmo na Terra é admitido que Deus caiba, o que perfeitamente podemos entender, por se tratar de um ser infinito.

E, quanto ao versículo 14, que diz "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós", encontramos a seguinte explicação: "Esta expressão **entre nós** não é fiel ao original, que é **em nós** (do grego *em hemin*; e do latim *in nobis*, como está na Vulgata). (CHAVES, 2006, p. 136). (negrito nosso). Em <http://www.bibliacatolica.com.br/> confirmamos que, de fato, em grego e latim, consta da forma aqui mencionada. O interessante é que isso muda completamente o sentido da frase, pois se o Verbo está **em nós**, é, certamente, a centelha divina que todos nós possuímos, não se pode dizer que somente Jesus a tenha.

O filósofo, educador e teólogo Huberto Rohden (1893-1981) manifestou sua opinião sobre isso da seguinte forma:

Que é o Cristo, o Ungido, que os antigos hebreus chamavam Messias, o Enviado?

O quarto Evangelho designa o Cristo com a palavra *Logos*, começando o texto com estas palavras:

"No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus".

A palavra grega Logos é muito anterior à Era Cristã. Os filósofos antigos de Alexandria e de Atenas, sobretudo, Heráclito de Éfeso, designavam com Logos o espírito de Deus manifestado no Universo. Logos seria, pois, o Deus imanente, em oposição à Divindade transcendente, que não é objeto de nosso conhecimento.

A Vulgata Latina traduz Logos por Verbo: "No princípio era o Verbo..."

Logos, Verbo, Cristo são idênticos e designam a atuação da Divindade Creadora, a manifestação individual da Divindade universal.

Neste sentido, o Cristo é Deus, mas não é a Divindade. E neste sentido diz ele aos Homens: "Vós sois deuses"; os homens são manifestações individuais da Divindade Universal. A primeira e mais perfeita das manifestações da Divindade Universal, no Universo, é o Cristo, o Verbo, o Logos, que Paulo de Tarso chama acertadamente "o primogênito de todas as criaturas" do Universo.

O Cristo é anterior à criação do mundo material. **Ele é "o Primogênito de todas as criaturas"**. O Cristo não é criatura humana, mas a mais antiga individualidade cósmica, que, antes do princípio do mundo, emanou da Divindade Universal.

O Cristo é Deus, mas não é a Divindade, que Jesus designa com o nome Pai: "Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior do que eu".

Deus, na linguagem de Jesus, significa uma emanção individual da

Divindade universal.

A confusão tradicional entre Deus e Divindade tem dado ensejo a intermináveis controvérsias entre os teólogos. Mas o texto do Evangelho é claro: o Cristo afirmou ser Deus, mas nunca afirmou ser ele a própria Divindade. (ROHDEN, 1996, p. 23-25) (grifo nosso).

Portanto, temos aí, por esse renomado teólogo ex-padre jesuíta, a confirmação de que Jesus não é Deus, com base nessa passagem de João.

Encontramos, em nossa pesquisa, uma informação que será desconcertante para os que acreditam na divindade de Jesus, tomando-se esse trecho de João sobre o Verbo, porquanto ela nos induz a concluir que o passo em questão tem grande possibilidade de tratar-se de um plágio do livro Rig-Veda da Índia, no qual consta este verso: "No princípio era Brahman, com quem estava o Verbo, e o Verbo é Brahman" (traduzindo-se a palavra "Vak" do sânscrito como "Verbo". (LEWIS, 2008, p. 45).

Por outro lado, vemos a afirmativa de que Jesus é Filho unigênito, e João repete isso por mais quatro vezes (Jo 1,18; 3,16,18; 1Jo 4,9), enquanto em outras passagens se diz ser ele primogênito, estabelecendo um conflito, pois não se pode atribuir a uma mesma pessoa simultaneamente essas duas condições. Leiamos os passos:

Rm 8,28-29: "*E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também **os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho**, a fim de que ele seja o **primogênito entre muitos irmãos**;*".

Cl 1,12-15: "*dando graças ao Pai que vos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz, e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do **seu Filho amado**; em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados; o qual é imagem do Deus invisível, o **primogênito** de toda a criação;*".

As afirmativas de que Jesus foi "o primogênito entre muitos irmãos" e "o primogênito de toda a criação" é um golpe mortal na crença de que Ele seja Deus, especialmente, aos que querem usar a razão e a lógica como base de sua análise.

Rohden, provavelmente tomando dessas duas falas de Paulo, argumenta bem claro:

Quando Paulo de Tarso diz que o Cristo é o primogênito de todas as criaturas, supõe ele que o Cristo seja criatura, e não o Creador, e toda criatura é evolvível, de perfeição elástica, aumentável. Nenhuma criatura pode coincidir com o Creador. " (ROHDEN, 1996, p. 45) (grifo nosso).

Outro autor bíblico que colocou Jesus como primogênito foi o de Hebreus:

Hb 1,1-6: "*Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, **nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho**, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo; **sendo ele o resplendor da sua glória e a expressa imagem do seu Ser**, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo ele mesmo feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas, **feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles**. Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? E outra vez, ao introduzir no mundo **o primogênito**, diz: **E todos os anjos de Deus o adorem**".*

Nesse passo, percebe-se que, para o autor, Jesus é superior aos anjos, os filhos de Deus (Jo 1,6) que, como sabemos, são Espíritos humanos desencarnados; certamente, por sua condição de Espírito puro, não se poderia dizer outra coisa dele.

Ao que nos parece, ele não fez confusão alguma no sentido de tomar Jesus como sendo Deus; ele O vê como manifestação da divindade, coisa bem diferente daquilo que alguns autores querem fazer-nos crer; porém, uma coisa não se definiu claramente, pois, nesse

passo, ele situa Jesus acima dos anjos, no que se segue, já faz justamente o contrário: colocando-O abaixo dos anjos:

Hb 2,7-9: "**Fizeste-o um pouco menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste, todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que não lhe fosse sujeito. Mas agora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele; vemos, porém, aquele que foi feito um pouco menor que os anjos, Jesus, coroado de glória e honra, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos**".

É uma visão bem interessante, que, segundo acreditamos, contradiz o que se dogmatizou a respeito de Cristo, entronizando-O como a segunda pessoa da Trindade.

Jo 1,15: "João deu testemunho dele, e clamou, dizendo: **Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, passou adiante de mim; porque antes de mim ele já existia.**

Jo 8,58: "Respondeu-lhes Jesus: **Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou**".

Cl 1,17: "**Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste**".

Não compreendendo que todos os Espíritos preexistem, tomaram essa afirmativa sobre Jesus para sustentar a condição dele ser o próprio Deus. Certo estava o amigo de Jó ao dizer, embora em outro contexto, que "somos de ontem e nada sabemos" (Jó 8,9); mas, infelizmente, até o momento, isso não foi compreendido pelos teólogos, que não se deram conta do seguinte:

Disso ressalta um outro ensinamento de uma alta gravidade. **Não se admitindo que a alma já viveu**, é necessário, de toda a necessidade, **que ela seja criada no momento da formação** e para uso de cada corpo; **de onde se segue que a criação da alma por Deus estaria subordinada ao capricho do homem**, e, na maior parte do tempo, o resultado do deboche. [...] (KARDEC, 1993f, p. 188) (grifo nosso).

Já, por muitas vezes, vimos pessoas usando o "eu sou" citado por João, para divinizar Jesus, ao estabelecerem uma relação dessa afirmativa com o que foi dito em Ex 3,14: "[...] Assim dirás aos olhos de Israel: **EU SOU me enviou a vós**". O que não fazem para chegar ao que querem?... Na verdade quanto ao "eu sou" da frase de João trata-se do verbo existir, ou seja, Jesus está afirmando que ele existia antes de Abraão, nada mais que isso. Simples, de ver isso: se em Êxodo, ao invés de "eu sou", estivesse um dos nomes atribuídos a Deus, a fala ficaria: "Assim dirás aos olhos de Israel Jeová me enviou a vós". Façamos a mesma coisa na frase de João: "[...] antes que Abraão existisse, Jeová", ou seja, não tem cabimento, pois a frase ficará totalmente sem sentido, enquanto, que se entendermos o "eu sou" como "eu já existia", isso perfeitamente se encaixa para se compreender o que foi dito. Além disso, em Jo 14,10-11 Jesus afirma que "**eu estou no Pai, e que o Pai está em mim**", ou seja, estar no Pai não é a mesma coisa que ser o pai e, por sua vez, o Pai está em mim, não significa dizer o Pai sou eu.

Encontramos uma versão bem interessante para essa passagem de Êxodo: "**Eu sou o Ser. Assim dirás aos filhos de Israel: O Ser me enviou até a vós**" (ASCH, 1958, p. 115), que, acreditamos, dá uma tradução mais lógica ao passo.

Uma vez que citamos Paulo (Cl 1,17), é oportuno vermos também o que Pepe Rodríguez diz sobre ele:

Paulo deixou, no entanto, uma outra marca na doutrina, uma marca mais essencial e original que as precedentes. Estamos a referir-nos à preexistência de Cristo e ao seu papel fundamental após a ressurreição. **Paulo não concebia Jesus como um deus encarnado, e ainda menos como a segunda pessoa da Santíssima Trindade.** Para ele, o Jesus da Ascensão era o "Filho do homem" dos místicos judeus. Segundo o ramo do ocultismo judeu, conhecido

por *Maaseh Bereshit* – em que Paulo fora iniciado e que procurava saber, a partir da leitura do Gênesis, como tinha sido criado o homem –, Deus criou o Homem Celestial à sua imagem, como Arquétipo (Filho do homem), e foi à imagem deste que Adão foi formado. Paulo integrou perfeitamente esta crença e adaptou-a ao seu objetivo, postulando que o Homem Celestial ou “Messias do Alto” encarnara em Jesus, o “Messias de Baixo”, transformando-o, assim, num Segundo Adão. (42).

Por outras palavras, a origem do contributo determinante de Paulo para a cristologia radica em determinadas crenças do ocultismo rabínico, crenças que lhe eram caras desde a juventude e que não só se adaptaram perfeitamente à sua personalidade peculiar, como lhe fortaleciam a convicção de ser um eleito divino. **“O Cristo de Paulo”, conclui Schonfield no seu estudo (43), “não é Deus, mas sim a primeira criação de Deus. Na concepção de Paulo, não há lugar para qualquer fórmula trinitária do credo de Anastásio, nem para a outra doutrina por este defendida e segundo a qual o Filho foi “não feito, nem criado, mas gerado”. [...]**

42. É essa problemática que Paulo se refere quando, por exemplo, escreve; “Razão por que está escrito: “O primeiro homem, Adão, foi um ser psíquico dotado de vida”; o último Adão é um espírito que dá vida” (ICor 15,45). Descrições e desenvolvimentos similares encontram-se igualmente noutras epístolas enviadas por Paulo às comunidades da Ásia, aos Filipenses e aos Colossenses.

43. Cf. Schonfield, H. J. (1987), *Jesús ¿Mesías o Dios?*, Martínez Roca, Barcelona, pp. 188-193.

(RODRÍGUEZ, 2007, p. 86-87) (grifo nosso).

Vê-se, portanto, que não há espaço para nos basearmos em Paulo visando elevar Jesus à categoria de um deus.

Jo 4,34: “Disse-lhes Jesus: **‘A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e completar a sua obra’**”.

Jo 5,30: **“Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”**.

Jo 6,38: **“Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”**.

Fica clara a condição de Jesus ser subordinado a Deus, vindo ao mundo pela vontade Dele, para cumprir determinada missão; por conseguinte, não temos como não vê-Lo como alguém que é inferior a Deus, embora, bilhões e bilhões de vezes moralmente superior a qualquer um de nós, seres humanos normais.

Jo 5,43: **“Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis”**.

Jo 8,38: **“Eu falo do que vi junto de meu Pai; e vós fazeis o que também ouvistes de vosso pai”**.

Jo 10,18: **“Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho autoridade para a dar, e tenho autoridade para retomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai”**.

Jo 10,29: **“Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai”**.

Jo 14,21: **“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele”**.

Jo 14,23: **“Respondeu-lhe Jesus: Se alguém me amar, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada”**.

Jo 15,10: **“Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do**

mesmo modo que **eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai**, e permaneço no seu amor”.

Jo 15,15: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque **tudo quanto ouvi de meu Pai** vos dei a conhecer”.

Jo 15,23-24: "Aquele que me odeia a mim, odeia também a **meu Pai**. Se eu entre eles não tivesse feito tais obras, quais nenhum outro fez, não teriam pecado; mas agora, não somente viram, mas também odiaram tanto a mim como a **meu Pai**”.

Ninguém chama a si mesmo de "meu Pai", a não ser que esteja completamente fora do juízo. Até onde sabemos, não existe nenhuma lei natural que possa fazer alguém ser pai de si mesmo; portanto, aqui temos claramente a distinção entre Jesus e Deus. E não há desculpa de "mistério" que possa resolver essa questão.

Jo 8,54: "Respondeu Jesus: 'Se eu me glorificar a mim mesmo, a minha glória não é nada; **quem me glorifica é meu Pai, do qual vós dizeis que é o vosso Deus;**'”.

Jo 20,17: "Disse-lhe Jesus: 'Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para **meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus**'”.

Verifica-se que Jesus se coloca exatamente na mesma condição que todos nós, pois se o Pai/Deus dele é o mesmo que o nosso, não podemos qualificá-Lo como sendo o próprio Deus, porquanto, dizer o contrário é não ser coerente com o que aqui Ele diz.

Jo 10,25: "Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. **As obras que eu faço em nome de meu Pai**, essas dão testemunho de mim”.

O correto seria dizer "as obras que eu faço, faço em meu nome", caso Jesus se considerasse o próprio Deus.

Jo 10,30: "**Eu e o Pai somos um**".

Jo 14,20: "Naquele dia conhecereis que **estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós**".

Jo 17,22: "E eu lhes dei a glória que a mim me deste, **para que sejam um, como nós somos um;**".

A primeira dessas passagens é a que é mais usada para sustentar a divindade de Jesus. O que não se faz para manter um dogma, pois aqui, de uma metáfora, fizeram uma realidade. Quando um padre diz ao casal, que abençoa, "agora vocês formam um só corpo", tomando como base "o homem... se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne" (Gn 2,24), devemos entender pelo sentido metafórico ou como coisa real? Da mesma forma, também não poderemos pegar o "Eu e o Pai somos um" a não ser no sentido figurado. E, tanto é verdade, que o que se diz em Jo 17,22 derruba aquilo que tomaram como verídico; inclusive, para serem coerentes teriam que tomá-lo também no mesmo sentido de Jo 10,30, mas não é isso o que fazem. Caso Jesus quisesse que entendêssemos alguma igualdade, certamente teria dito algo mais ou menos assim: "Eu e o Pai somos a mesma pessoa"; fala bem explícita, de modo a não deixar qualquer possibilidade de dúvidas. Aliás, o que estamos vendo é que dezenas de passagens nos apontam para o fato de que Jesus não é Deus, enquanto com apenas uma "meia-dúzia de seis", num linguajar popular, tentam nos contradizer, tomando de uma interpretação ortodoxa, que visa apenas sustentar dogmas impostos a ferro e fogo.

Recorramos novamente ao teólogo Rohden, que se manifestou da seguinte forma:

A visão de Jesus é inteiramente monista, e não monoteísta; para ele, há uma única Essência, que ele chama Pai, a qual se manifesta em muitas existências, ou criaturas. Depois de afirmar "Eu e o Pai somos um", acrescenta ele "mas o Pai é maior do que eu", **como se dissesse: Eu, o Cristo, estou na Divindade mas não sou a Divindade; a Divindade é infinitamente maior do que eu**. Ou então, em terminologia filosófica: Eu, a existência individual, sou uma

manifestação da Essência Universal, que é maior que qualquer existência; vós também, meus discípulos, sois existências individuais, manifestações da Essência única da Divindade.

A manifestação individual da Divindade Universal é por ele chamada Deus. **Quando foi acusado de se dizer Deus, não o negou, e acrescentou que também os homens eram Deus, isto é, manifestações individuais da Divindade Universal: "Vós também sois deuses".**

Quando o Cristo se diz Deus, **afirma ele que é uma manifestação individual da Divindade, mas não faz de si uma parcela ou pessoa da Divindade**, como não faz dos homens parcelas ou pessoas da Divindade. Nenhuma criatura é parcela ou centelha da Divindade, como querem os poetas; se a Divindade se parcelasse, ela se diminuiria na razão direta do seu parcelamento.

As criaturas são apenas manifestações da Divindade, ou existencializações múltiplas da Essência una e única. (ROHDEN, 1996, p. 60-61) (grifo nosso).

E em *Jesus Nazareno*, Rohden, volta ao assunto, desta vez dizendo:

Há quase vinte séculos que a cristandade se agita em controvérsias sobre a questão se Cristo é Deus ou não, confundindo Deus com Divindade.

Jesus faz ver aos seus adversários que ele, como a mais alta emanção individual (Deus) da Divindade não é escravo, mas Senhor do sábado, e não tem de obedecer a leis humanas.

Em todo esse diálogo com seus ouvintes, afirma Jesus que o seu Cristo é Deus, mas que o Pai, que é a Divindade, é maior do que ele, o Cristo, a primeira e mais alta emanção individual da Divindade Universal. Entretanto, como os ouvintes não sabiam distinguir entre Deus e Divindade (Pai), compreendem mal as palavras de Jesus. Ele, porém, continua a afirmar que está na Divindade e a Divindade está nele, embora a Divindade seja maior do que ele. Acrescenta que a Divindade também está em todos os homens, e todos os homens estão na Divindade, por isto, todo homem é Deus, uma emanção individual da Divindade, embora nenhum homem seja a própria Divindade Universal.

Para ilustrar esta verdade, poderíamos fazer o seguinte paralelo. Um raio solar pode dizer: Eu e o Sol somos um; o Sol está em mim, e eu estou no Sol – mas o Sol é maior do que eu.

Esta imanência de Deus nas criaturas é chamada "panenteísmo" (tudo em Deus), que não é "panteísmo" (tudo é Deus).

A Divindade é a única Essência, que está imanente em todas as Existências. A Divindade é o Infinito, assim como a Essência única está em todas as Existências múltiplas. (ROHDEN, 2007, p. 103-104).

Rohden foi muito feliz em suas colocações; somente o fanatismo, que embota o raciocínio, impede de entendê-lo.

Ademais falta aos fanáticos um pouco mais de coerência, pois deveriam dar a outros textos a mesma linha de interpretação que dão a "*Eu e o pai somos um*" (Jo 10,30). Vejamos os passos:

Rm 12,5: "*Assim nós, embora muitos, **somos um só corpo** em Cristo, e individualmente uns dos outros*".

1Cor 10,17: "*Pois nós, embora muitos, **somos um só pão, um só corpo**; porque todos participamos de um mesmo pão*".

Gl 3,28: "*Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos **vós sois um** em Cristo Jesus*".

Em nenhuma dessas falas de Paulo, poderemos dar uma interpretação literal, teremos, pois, por lógica e bom senso, tomá-las no sentido simbólico, tal e qual devemos aplicar à fala de Jesus em João (Jo 10,30).

Mais uma fala de Paulo:

Gl 2,19-20: *"Pois eu pela lei morri para a lei, a fim de viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas **Cristo vive em mim**; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim"*.

Se o "Cristo vive em mim" então, podemos concluir que Paulo é o Cristo. Sabemos ser apelação, mas é exatamente isso que fazem a respeito de Jesus, quando querem tomá-lo à conta de ser o próprio Deus.

Acreditamos que as pessoas que creem na Trindade tomam Jesus por Deus, baseando-se no *"Eu e o Pai somos um"*; entretanto, esse entendimento carece de lógica, pois, para também justificar o Espírito Santo como sendo Deus, não apresentam uma afirmativa como essa, no sentido de que o Espírito Santo e Deus também sejam um, ou mesmo uma semelhante, tal como: "Eu, o Pai e o Espírito Santo somos um".

Jo 14,28: *"Ouvistes que eu vos disse: 'Vou, e voltarei a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque **o Pai é maior do que eu**'"*.

Não fosse a teimosia em querer sustentar suas crenças, essa passagem seria o "tiro de misericórdia" na questão de Jesus ser Deus, porquanto, ele aqui foi taxativo em afirmar que Deus é maior do que ele, e o que é maior, por questões de razão e lógica, não pode, simultaneamente, ser visto como se fosse uma igualdade. Aliás, dizer que formam uma única entidade, mas distintas ao mesmo tempo, já é, para nós, uma grande contradição.

Jo 15,1: *"Eu sou a videira verdadeira, e **meu Pai** é o viticultor"*.

Percebemos que se tem de fazer muito esforço exegético para querer sustentar a tese de que Jesus é Deus, porquanto, são inúmeras as passagens que nos apontam na direção contrária. O sentido metafórico aqui é claro, não podemos tomar um pelo outro, ou seja, Jesus como sendo o próprio Deus, pois a videira não pode ser tomada pelo cultivador, da qual é dono. Também, por lógica, não se deve tomar o filho com o pai, nem a coisa com o dono.

Jo 20,26-28: *"Oito dias depois estavam os discípulos outra vez ali reunidos, e Tomé com eles. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: 'Paz seja convosco'. Depois disse a Tomé: 'Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente'. Respondeu-lhe Tomé: '**Senhor meu, e Deus meu!**'"*.

Essa é mais uma das passagens utilizadas para sustentar que Jesus é Deus. Preferimos tomar de outra tradução a expressão final de Tomé: *"Meu Senhor e meu Deus!"*, para facilitar o entendimento. É algo que sempre acontece conosco no dia a dia, quando nos surge um acontecimento extraordinário e exclamamos: "Meu Deus". Ou ao encontramos um amigo que não vemos de longa data, lhe dizer: "Meu Deus, você aqui!". Certamente, que não queremos elevar ninguém à categoria da divindade; é apenas uma forma de falar, tal e qual, acreditamos, aconteceu com Tomé. Aliás, causa-nos espécie essa fala de Tomé só ter sido narrada apenas por um dos evangelistas, quando fato semelhante a esse em importância - ida de Jesus do Pretório ao Calvário -, foi narrado pelos quatro (Mt 27,31-32; Mc 15,20-21; Lc 23,25-26 e Jo 19,16-17).

At 2,22: *"Varões israelitas, escutai estas palavras: **A Jesus, o nazareno, varão aprovado por Deus entre vós** com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis;"*.

Certamente que a afirmativa de Pedro, que Jesus era um varão aprovado por Deus, está bem longe de se atribuir a Ele uma condição divina, porquanto, ser aprovado varão é uma coisa, ser Deus é outra completamente diferente.

Pepe Rodríguez, mencionando esse passo, assim explica a questão:

Os Actos dos Apóstolos atestam exactamente isso, ou seja, que a primitiva fé cristã distinguia cuidadosamente entre Deus e Cristo, como se vê, por exemplo, em Act 2,22, onde se diz: "Varões israelitas, escutai estas

palavras: **Jesus de Nazaré, credenciado por Deus** a vossos olhos por seus milagres, prodígios e sinais que Deus fez por seu intermédio no meio de vós [...]", ou em Act 7,55: "Ele [trata-se de Estêvão], cheio do Espírito Santo, olhou para o céu e viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus". A invejável vista de Estêvão talvez não seja tão boa como parece, se a tomarmos por um dos recursos literários de que Lucas habitualmente se serve para introduzir nos seus textos *inspirados* dados alheios aos próprios factos. No caso vertente, esse dado é a famosa visão de Mc 16,19, que supõe Jesus "sentado à direita de Deus". **É evidente, no entanto, que quer para Lucas como para Marcos, Deus e Jesus são duas entidades absolutamente separadas, diferentes e de natureza distinta.** (RODRÍGUEZ, 2007, p. 175) (grifo nosso).

Na opinião desse estudioso, em seu tempo, Jesus não era considerado Deus, isso foi coisa que aconteceu posteriormente, com o desenvolvimento do cristianismo, que muito abraçou das crenças pagãs.

At 3,13: "O **Deus** de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, **glorificou a seu Servo Jesus**, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, quando este havia resolvido soltá-lo".

A afirmativa de Pedro é categórica quanto à situação de Jesus de ser um servo glorificado por Deus, não cabendo nenhuma outra interpretação que eleve Jesus à condição de ser o próprio Deus, numa encarnação humana.

At 3,22: "Pois Moisés disse: '**Suscitar-vos-á o Senhor vosso Deus, dentre vossos irmãos, um profeta** semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser'".

At 3,26: "**Deus suscitou a seu Servo**, e a vós primeiramente vo-lo enviou para que vos abençoasse, desviando-vos, a cada um, das vossas maldades".

Continuando seu discurso, Pedro relaciona Jesus a Moisés que, segundo acreditavam, havia feito uma profecia de que Deus iria enviar um profeta semelhante a ele (Dt 18,15); disso só temos uma alternativa: aceitar que Pedro e todos os outros discípulos tinham Jesus como um profeta; não como a encarnação de Deus.

Por outro lado, a crença dos judeus era que, segundo as profecias, Deus lhes enviaria um Messias (ungido); não que ele mesmo viria para restabelecer a sua aliança com o povo hebreu.

At 4,27-31: "Porque verdadeiramente se ajuntaram, nesta cidade, contra o teu **santo Servo Jesus**, ao qual ungeste, não só Herodes, mas também Pôncio Pilatos com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho predeterminaram que se fizesse. Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que falam com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para curar e para que se façam sinais e prodígios pelo nome de teu **santo Servo Jesus**. E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com intrepidez a palavra de Deus".

Aí temos uma fala atribuída à comunidade cristã (v. 24), na qual se reafirma o que Pedro dissera a respeito de Jesus, tendo-o como um santo servo de Deus, o que nos indica ser essa a crença geral naquela época.

At 5,31: "Sim, **Deus**, com a sua destra, **o elevou a Príncipe e Salvador**, para dar a Israel o arrependimento e remissão de pecados".

Ora, se Deus elevou Jesus à condição de Príncipe e Salvador é porque Ele estava numa situação inferior a essa, razão pela qual, não O podemos ter como Deus, pois isso implica em contradizer o que daí podemos entender.

At 9,22: "Saulo, porém, se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que habitavam em Damasco, **provando que Jesus era o Cristo**".

Se pela crença daquela época tinham Jesus como Deus, por que motivo Paulo não

tentava provar isso, mas que Jesus era o Cristo? Cristo significa em grego ungido e em hebraico messias, portanto alguém subordinado à divindade e não ela própria.

At 10,36-38: "*A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo (este é o Senhor de todos) esta palavra, vós bem sabeis, foi proclamada por toda a Judeia, começando pela Galileia, depois do batismo que João pregou, concernente a **Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder**; o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo, **porque Deus era com ele***".

O que aqui ocorre é semelhante ao passo anterior; portanto, se Deus ungiu a Jesus com "o Espírito Santo e com poder" é pelo fato de que Ele não gozava dessa condição, o que nos leva a acreditar que era inferior à nova situação; aquela depois de ungido e de ter recebido o poder.

At 10,42: "*este nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o **que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos***".

Dessa fala de Pedro temos que Jesus disse que Deus o havia constituído juiz, como só se outorga uma condição dessa a quem não a tem, esse é o motivo que não nos permite concluir que Jesus seja Deus; até mesmo porque, no sentido real, ninguém concede alguma coisa a ele mesmo.

Rm 1,1-4: "*Paulo, servo de **Jesus Cristo**, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, **e que com poder foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade**, pela ressurreição dentre os mortos - Jesus Cristo nosso Senhor,*".

Aqui a coisa vai mais longe, pois, se Jesus foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade, nós outros o que somos? Ainda mantemos a ideia dos dois comentários anteriores, pois Jesus foi declarado ser algo que antes não era; conseqüentemente, não temos como elevá-Lo a uma situação de ser Ele o próprio Deus.

Rm 1,8: "*Primeiramente **dou graças ao meu Deus, mediante Jesus Cristo**, por todos vós, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé*".

2Cor 12,21: "*e que, quando for outra vez, o **meu Deus** me humilhe perante vós, e chore eu sobre muitos daqueles que dantes pecaram, e ainda não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram.*"

Fl 1,2: "*Dou graças ao **meu Deus** todas as vezes que me lembro de vós*".

Fl 4,19: "***Meu Deus** suprirá todas as vossas necessidades segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus*".

Fm 1,4: "*Sempre dou graças ao **meu Deus**, lembrando-me de ti nas minhas orações*".

Teria Paulo perdido essas oportunidades para afirmar que Jesus era Deus, ou definir Deus como sendo três pessoas? Acreditamos que não, porquanto, não era essa a concepção que faziam de Jesus àquela época, conforme está ficando cada vez mais claro nesse estudo.

Rm 8,1-14: "*Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que era impossível à lei, visto que se achava fraca pela carne, Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, na carne condenou o pecado, para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Pois os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser; e os que estão na*

*carne não podem agradar a Deus. **Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.** Ora, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo Jesus há de vivificar também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita. Portanto, irmãos, somos devedores, não à carne para vivermos segundo a carne; porque se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus”.*

Na verdade, não encontramos nada nessa passagem; porém, como a vimos ser citada (o que consta em negrito) para justificar que Jesus é Deus, resolvemos colocá-la aqui. Mas é certo que o Espírito de Deus habita em nós; não fomos criados à sua semelhança? O sentido figurado não pode ser outro a não ser esse. E realmente, se uma pessoa não tem o Espírito de Cristo, ou seja, age como Ele agiu, não é dele, porquanto, não o segue no exemplo.

Rm 9,3-5: *"Porque eu mesmo desejaria ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; os quais são israelitas, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas; de quem são os patriarcas; e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, **Deus bendito eternamente. Amém.**"*

Muitas vezes deparamos com uma situação como essa; a de que a pontuação usada pelos tradutores pode nos levar a uma conclusão equivocada do que se está querendo dizer. Se no trecho final (v. 5) fosse dito: "[...] e de quem descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas; Deus bendito eternamente. Amém", perceberíamos que o sentido da frase é diferente do que se poderia pensar que aqui estar-se-ia se dizendo que Jesus é Deus.

Quanto à questão da pontuação, é bom que se saiba:

[...] **Um dos problemas com textos gregos antigos** (o que incluiria todos os escritos cristãos mais primitivos, incluindo os do Novo Testamento) **é que, quando eram copiados, não se usavam marcas de pontuação, não se fazia distinção entre minúsculas e maiúsculas** e, o que é ainda mais estranho para leitores modernos, não havia espaços de separação entre as palavras. Este tipo de escrito sequencial é chamado de *scriptuo continua* e, é claro, muitas vezes, podia dificultar ler (nem falemos em entender) um texto. As palavras *godisnowhere* poderiam significar algo completamente distinto para um crente (*God is now here = Deus está aqui agora*) e para um ateu (*God is nowhere = Deus não está em parte alguma*) e o que significa dizer nojantardanoitepassadaamesaestavaabundante? Isso seria um acontecimento normal ou extraordinário? (EHRMAN, 2006, p. 58) (grifo nosso).

Sabemos que os manuscritos originais do Novo Testamento não possuíam pontuação, e em face do fato de o grego clássico (incluindo o grego koiné, no qual foi escrito o Novo Testamento) gozar de ampla liberdade no tocante à ordem das palavras, é impossível, à base do próprio texto grego, provar um lado ou outro dessas ideias contraditórias. [...] (SILVA, C., 2001, p. 309-310) (grifo nosso).

[...] **Os manuscritos originais também não tinham sinais de pontuação.** Estes foram introduzidos na arte de escrever em época recente. É claro, pois, que a pontuação moderna não é inspirada, e por isso não dá, às vezes, sentido às palavras do original. (SILVA, A., 1997, p. 77) (grifo nosso).

Disso conclui o teólogo Russell N. Champlin (1933-) "Já que os primeiros manuscritos do N.T. são sem pontuação sistemática, editores e tradutores do texto devem inserir tais marcas de pontuação como parecem apropriadas à sintaxe e ao significado. [...]" (CHAMPLIN, vol. 3, 2005c, p. 745). Isso, de fato, torna-se um problema muito sério, pois um sinal de pontuação mudado de lugar, acrescentado ou suprimido, seja por interesse ou não de quem o fez, pode alterar profundamente o sentido do texto. Para exemplificar isso, vejamos como o versículo 5, do passo citado, se encontra em outras traduções bíblicas:

Bíblia do Peregrino: "[...] de sua linhagem segundo a carne descende o Messias. Seja para sempre bendito o Deus que está acima de tudo. Amém".

Bíblia Vozes: "[...] e deles é o Cristo segundo a carne. O Deus que está acima de tudo seja bendito pelos séculos! Amém".

Tradução Novo Mundo: "[...] e de quem [procedeu] o Cristo segundo a carne: Deus, que é sobre todos, [seja] bendito para sempre. Amém".

Observe-se que em todas, além da disposição dos vocábulos, há divergência na pontuação, o que também ocorre comparando-as com a que transcrevemos mais acima. Certamente, que o sentido delas, em relação à primeira, é completamente diferente em virtude da pontuação, entre um período e outro, pois, quer se usando um ponto, quer se usando os dois, não temos a mesma ideia de que no caso de usarmos uma vírgula, como no texto questionado. Assim, percebe-se que a intenção no texto é destacar Deus como sendo o verdadeiro e não a Jesus, o que se pode perfeitamente confirmar pelas próprias palavras de Jesus se referindo ao Pai: "*E a vida eterna é esta: **que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste***". (Jo 17,3).

As duas primeiras Bíblias – do Peregrino e Vozes - são de cunho católico e a última protestante. Acreditamos, sinceramente, que o significado seja o que daqui tiramos dessas traduções e não o da outra citada anteriormente. Isso porque, conforme estamos demonstrando, Jesus, àquela época, não era considerado como sendo o próprio Deus, somos obrigados a repetir. Esse fato veio a acontecer posteriormente, por imposição dos denominados "pais da Igreja", cuja interpretação acabou prevalecendo; portanto, são eles os "pais da criança", ou seja, os culpados de transformar Jesus em Deus; e, na sequência, para abrigar esse absurdo teológico, foi criada a Trindade, que conforme acreditamos, foi copiada de outras religiões mais antigas.

O certo é que Paulo, autor da carta aos Romanos, não tinha Jesus como Deus. Esse fato é importante, porquanto ele viveu bem mais próximo dos acontecimentos do que os "pais da Igreja". Leiamos o que ele disse aos colossenses:

Cl 1,15-20: "**Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura**; porque nele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, as visíveis como as invisíveis: tronos, soberanias, principados e autoridades. **Tudo foi criado por meio dele e para ele**. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste. Ele é também a Cabeça do corpo, que é a Igreja. Ele é o Princípio, o primeiro daqueles que ressuscitam dos mortos, para em tudo ter a primazia. Porque Deus, **a Plenitude total, quis nele habitar**, para, por meio dele, reconciliar consigo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz".

Caso Paulo realmente pensasse que Jesus fosse Deus, nunca iria dizer "*ele é a imagem do Deus invisível*" e "*aprouve a Deus fazer habitar nele a plenitude*"; e para quem afirma que "*... não há senão um só Deus*" (Rm 3,30), é porque não pensava em divinizá-lo ou em torná-lo um Deus; certamente usou uma metáfora para evidenciar a grandeza de Jesus, que sabemos ter participado da criação do mundo, como preposto de Deus.

1Cor 1,22-24: "*Pois, enquanto os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos, mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, **Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus***".

A figura de linguagem é notória; Paulo sempre colocou Jesus como mediador entre Deus e os homens (Gl 3,19-20; 1Tm 2,5) e, neste sentido, Ele está com o poder e a sabedoria de Deus, sem exatamente ser o próprio Deus. O autor de Hebreus, como exemplo, tem essa mesma visão de Paulo, ou seja, para ele também Jesus é mediador. (Hb 8,6; 9,15 e 12,24).

1Cor 8,4-6: "*Quanto, pois, ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que **não há outro Deus, senão um só**. Pois, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos*

deuses e muitos senhores), **todavia para nós há um só Deus, o Pai**, de quem são todas as coisas e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual existem todas as coisas, e por ele nós também”.

Gl 3,20: “Ora, o mediador não o é de um só, mas **Deus é um só**.”

Ef 4,46: “Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; **um só Deus e Pai de todos**, o qual é sobre todos, e por todos e em todos”.

1Tm 2,5: “Porque **há um só Deus**, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, **homem**,”.

Também seriam excelentes oportunidades para Paulo dizer que existe um só Deus e que nele há três pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo; entretanto, não o faz, porquanto, ainda não havia sido criada a crença na Trindade, o que só aconteceu posteriormente, conforme já o dissemos. Então, se aqui Jesus não foi elevado à categoria de um Deus, extemporaneamente, isso não deveria ter sido feito pelos teólogos dogmáticos. Na última passagem ainda se reforça a condição de Jesus ser homem, embora não se possa negar sua condição de mensageiro Divino, o maior Espírito que pisou o solo da Terra.

2Cor 4,4: “nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, **o qual é a imagem de Deus**.”

Cl 1,13-15: “e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado; em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados; o qual é **imagem do Deus invisível**, o primogênito de toda a criação;”.

Confundir a imagem de uma pessoa com a própria pessoa é algo em que falta bom senso e lógica, aos que assim procedem. Se Jesus é a imagem de Deus, não pode ser, ao mesmo tempo, o próprio Deus, como a nossa imagem no espelho não é o nosso ser; é, na realidade, apenas um reflexo do “meu físico”.

Gl 4,4-5: “mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, **nascido de mulher, nascido debaixo de lei**, para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos”.

Se, conforme se entende, Jesus não teria vindo destruir a Lei (Mt 5,17), tendo nascido de mulher e debaixo da lei, ou seja, nasceu de forma natural, como acontece a todos nós, pois essa é a Lei, então, ele é um ser humano, em igualdade de condições conosco. Aliás, Ele mesmo afirmou “*Tudo o que eu fiz, vós podeis fazer e até muito mais*” (Jo 14,13); dessa forma Ele se iguala a todos nós, sem se colocar na posição de um ser superior e divino. Essa frase torna-se impossível aplicar-se caso Jesus seja um ser divino, na condição humana, porém, totalmente factível, se Jesus for um homem em missão divina.

Ef 4,11-13: “E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; **até que todos cheguemos** à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, **à medida da estatura da plenitude de Cristo**;”.

Ora, se podemos chegar à medida da estatura da plenitude de Cristo é sinal de que Ele não é Deus, porquanto, nunca chegaremos à plenitude de Deus, uma vez que, se isso pudesse acontecer, teríamos vários deuses; melhor dizendo, bilhões de deuses. Entretanto, não nos será impossível chegar ao estado de homem feito (espírito puro).

Fp 2,5-11: “Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, **subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus** coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o

exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”.

Aqui temos uma declaração bem conflitante com o restante dos textos bíblicos, na qual supõem-se que Paulo declara ser Jesus igual a Deus; entretanto, parece-nos que os tradutores da Bíblia de Jerusalém pensam de outra forma; tanto é que a palavra Deus está grafada em letra minúscula, querendo significar um homem “não-pecador” (Bíblia de Jerusalém, p. 2049). Esclarece-nos ainda mais, dizendo que o versículo 6b possuiu “outras traduções menos prováveis: ‘não considerou o estado de igualdade com Deus como presa a agarrar”, “não reteve ciumentamente a condição que o igualava a Deus”, (Bíblia de Jerusalém, p. 2049). Isso nos despertou a curiosidade para ver como consta em outras Bíblias. Vejamos:

Versões bíblicas	Texto bíblico Fp 2,5-6:
SBTB/TBS, SBB e SBTB	<i>“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus”.</i>
Shedd e Mundo Cristão	<i>“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus;”.</i>
De Jerusalém	<i>“Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus”.</i>
Barsa	<i>“E haja entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo. O qual tendo a natureza de Deus, não julgou que fosse nele uma usurpação ser igual a Deus:”</i>
Paulinas/Loyola	<i>“Comportai-vos entre vós assim, como se faz em Jesus Cristo: ele, que é de condição divina, não considerou como presa a agarrar o se igual a Deus”.</i>
Pastoral	<i>“Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo: Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus”.</i>
Ave-Maria	<i>“Dedicaí-vos mutuamente a estima que se deve em Cristo Jesus. Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus”.</i>
Santuário	<i>“Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus: Ele que era de condição divina não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus”.</i>
Vozes	<i>“Tende em vós os mesmos sentimentos que Cristo Jesus teve: Ele, subsistindo na condição de Deus, não pretendeu reter para si ser igual a Deus”.</i>
Paulinas 1957, 1977 e 1980	<i>“Tende em vós os mesmos sentimentos que (houve) em Jesus Cristo, o qual, existindo na forma (ou natureza) de Deus, não julgou que fosse uma rapina o seu ser igual a Deus”.</i>
Novo Mundo	<i>“Mantende em vós esta atitude mental que houve também em Cristo Jesus, o qual, embora existisse em forma de Deus, não deu consideração a ser igual a Deus”.</i>

Temos o velho problema das traduções que, em obediência à concepção individual do autor bíblico, acabaram por transformar Jesus no próprio Deus, sem nenhum fundamento no que Ele disse, mas, apenas, seguindo crença generalizada entre os povos antigos. E nisso foram bem mais longe, pois, enquanto os pagãos acreditavam que o seu deus vinha à terra e

em contato carnal com uma mulher virgem gerava um semideus, os cristãos elevaram o seu semideus à condição de Deus.

Tem plena razão o escritor José Pinheiro de Souza (1938-), quando diz:

Do mesmo modo, os escritores cristãos da igreja primitiva (sobretudo Paulo e João), influenciados pela cultura mitológica dominante da época (a cultura grego-romana), onde era muito comum a crença em “encarnações divinas” e em “filiação divina”, não no sentido adotivo/metafórico/honorífico, mas no sentido *natural* (físico/biológico), para enaltecer ao máximo a pessoa de Jesus e as suas ações e, sobretudo, para dar credibilidade ao cristianismo nascente, absolutizaram-no, endeusando-o e fazendo-o super exclusivista, o único “Filho de Deus”, o único Deus encarnado (no sentido *natural* dessas expressões), o único salvador da humanidade, o único mediador entre Deus e os homens, o único fundador da verdadeira religião, o único que verdadeiramente ressuscitou dos mortos, etc. (SOUZA, 2010, p. 35-36).

Mais à frente, acrescenta:

Paulo de Tarso, para dar credibilidade ao cristianismo primitivo e atrair seguidores de várias religiões do mundo pagão do Mediterrâneo, **procurou converter os adeptos dessas religiões pagãs, utilizando a estratégia mítica de que Cristo também era uma divindade salvadora, vinda do céu, tendo nascido miraculosamente (como os demais deuses das religiões pagãs) mediante um parto virginal, tendo sido morto e ressuscitado para resgatar-nos de nossos pecados herdados do pecado de Adão e Eva.**

O Paulinismo, como estamos comprovando nesta obra, é, de fato, cópia e/ou incorporação de crenças, de cultos e de ritos de várias religiões pagãs de épocas mais antigas do que o cristianismo, destacando-se o culto a Ísis, a Dionísio e a Mitra. Para atrair seguidores para o cristianismo, Paulo fez sincretismo com elementos de várias religiões e filosofias, particularmente com elementos das religiões de mistério do Egito, da Grécia, do paganismo greco-romano, da Índia e de várias outras culturas religiosas mais antigas:

As evidências da grande semelhança entre a religião cristã e outras crenças do mundo antigo são volumosas, detalhadas, extremamente específicas e incrivelmente vastas, estendendo-se desde a sabedoria védica na Índia aos mitos nórdicos da Escandinávia, às lendas dos incas e à espiritualidade original dos povos indígenas da América do Norte (HARPUR, 2008, p. 43)

(SOUZA, 2010, p. 40-41) (grifo nosso).

Analisando-se friamente os textos bíblicos não podemos deixar de dar razão ao fato de que o cristianismo tem muito das religiões pagãs; somente não se vê isso por extremada ortodoxia.

Cabe-nos ressaltar que o prof. Pinheiro é da opinião de que foi Paulo o responsável pela divinização de Jesus, conforme se vê nesse seu texto. Outra pessoa que pensa da mesma forma é a historiadora e advogada Paloma Sánchez-Garnica (1962-), autora da obra *O grande Arcano*, da qual transcrevemos:

As massas arrastadas pela sua mensagem cresceram tanto nos anos posteriores à sua morte, que surgiram os oportunistas. A população romanizada gostava de ouvir a mensagem de Jesus de Nazaré. Mas essa população precisava de um homem superior, reclamava que essa mensagem procedesse de um ser divino, pois estava acostumada a venerar mil deuses. Não se podia apresentar o porta-voz daquelas palavras como um homem normal, e começou-se a tergiversar o fundamental em toda essa farsa: a ressurreição de Jesus de Nazaré em corpo e alma, sua divinização levada ao extremo, equiparando-o ao próprio Deus, quando Ele em nenhum momento dissera que era Deus. [...] Isso pode ser comprovado nos Evangelhos. Nenhum dos quatro evangelistas põe na boca de Jesus sua identificação com Deus; quando Ihe é perguntado quem é, responde que é “filho do homem”, dando a entender que era um homem sem

mais adjetivos, e isso já podia ser considerado como a mais alta honraria.

Foi nas Epístolas de Paulo que apareceu a expressão “Filho de Deus”, e precisamente a Paulo se atribuiu a origem dessa ideia da ressurreição e da divinização do homem.

Assim tudo começou. A partir de então, surgiu uma profusão de ideias e de linhas de pensamento: as lutas e enfrentamentos foram numerosos, até que venceu uma dessas correntes; aquela fundada por Paulo e mantida pela corrente grega foi a que triunfou e se impôs ao restante; estabeleceu seu poder definitivamente no concílio de Niceia de 325 e afastou, destruiu, perseguiu ou considerou como hereges todos os que não estivessem de acordo com ela. **Os textos originais dos Evangelhos foram alterados, porque era necessário adaptá-los à população a que eram dirigidos, uma população não judia, e sim romana**, helenizada e com uma mentalidade distinta à dos judeus a quem Jesus havia se dirigido; sua verdadeira mensagem ficou em um segundo plano: valia tudo para aumentar o número de discípulos da nova religião.

A partir desse momento, ou se estava com a Igreja ou contra ela. Em poucos anos, os perseguidos passaram a ser perseguidores; e assim se passaram dois mil anos. (SÁNCHEZ-GARNICA, 2008, p. 427-428) (grifo nosso).

Nosso objetivo em trazê-la foi para vermos que também ela afirma que os textos originais dos Evangelhos foram adulterados, para adaptá-los aos dogmas estabelecidos.

1Tm 3,16: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: **Aquele que se manifestou em carne**, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória”.

Esse passo é mais um dos que precisamos ver o teor em outras traduções, para podermos ver por qual motivo o tomam para sustentar que Jesus, como Deus, ter-se-ia manifestado na carne. Vejamos:

Versões bíblicas	Texto bíblico 1Tm 3,16
SBTB	“E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne , foi justificado no Espírito , visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória”.
SBB	“E sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne , foi justificado em espírito , [...]”.
Shedd e Mundo Cristão	“Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito , [...]”.
De Jerusalém	“Seguramente, grande é o mistério da piedade: Ele foi manifestado na carne , justificado no Espírito , [...]”.
Barsa	“E visivelmente é grande o sacramento da piedade, com que Deus se manifestou em carne , foi justificado pelo espírito , [...]”.
Paulinas/Loyola:	“Grande é, com certeza, o ministério da piedade. Ele foi manifestado na carne , justificado pelo Espírito , [...]”.
Pastoral	“De fato, como é grande o mistério da piedade: ele se manifestou na carne , foi justificado no espírito , [...]”.
Do Peregrino	“Grande é sem dúvida o mistério de nossa religião: Manifestou-se corporalmente , justificado no Espírito , [...]”.
Ave-Maria	“Sim, é tão sublime – unanimemente o proclamamos – o Mistério da bondade divina: manifestado na carne , justificado no Espírito , [...]”.
Santuário	“Em verdade, grande mistério é o da piedade. Manifestou-se na carne , foi justificado pelo Espírito , [...]”.
Vozes	“Não pode haver dúvida de que é grande o mistério da piedade: Ele foi manifestado na carne , foi justificado no espírito , [...]”
Paulinas 1957, 1977 e 1980	“E evidentemente é grande o mistério da piedade, que se manifestou na carne , que foi justificado pelo Espírito , visto pelos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, exaltado na glória”.

Novo Mundo	"Evidentemente, grande é o mistério da piedade: aquele que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, [...] ".
------------	---

Enquanto nas versões da SBTB e Barsa a personagem que se manifestou na carne foi o próprio Deus, nas restantes foi Jesus. Visando resolver o impasse buscamos orientação em Russell Norman Champlin, que dá a seguinte explicação para "... *Aquele que foi manifestado na carne...*":

Essas palavras ensinam tanto a "preexistência", como a "encarnação" de Cristo. (Ver o trecho de João 1:1-3;14 acerca dessas doutrinas bíblicas). **A divindade de Cristo não é aqui ensinada diretamente,** mas somente uma pessoa divina poderia ter realizado tudo quanto aqui é atribuído a Cristo. (Ver Heb. 1:3 quanto a notas expositivas sobre a "divindade de Cristo"). Além disso, esta epístola defende a "humanidade autêntica" de Jesus, o Cristo, o que era negado pelo docetismo ensinado pelos gnósticos. Cristo é a "epifania" de Deus, isto é, a sua "manifestação". Assim sucedeu quando da encarnação, e assim sucederá novamente quando de sua "parousia" ou segundo advento. (ver as notas expositivas completas a esse respeito, em I Tes. 4:15. Quanto à exposição dessas verdades, nestas epístolas pastorais, ver os trechos de I Tim. 6:14 e II Tim. 1:10, que frisam a primeira manifestação, e ver I Tim. 4:1,8, que salienta a segunda futura manifestação. O trecho de I João 3:2 pode ser comparado quanto à primeira manifestação; e o trecho de I Tim. 4:2 pode ser posto em confronto com a passagem presente, no tocante à ênfase sobre a autêntica humanidade de Jesus, como Verbo encarnado, onde tal ideia combate, uma vez mais, o docetismo dos gnósticos). A vinda de Cristo foi "... na carne..." Essa expressão é usada exclusivamente aqui, nas "epístolas pastorais". (Comparar com João 1:14 e I João 4:2; II João 7; Rom 1:3; 8:3 e 9:5). O hino que encontramos aqui começa afirmando a verdade central do cristianismo, que faz parte do grande mistério da nossa fé. (CHAMPLIN, 2005e, p. 317) (grifo nosso).

Embora reconheça o real significado da expressão, Champlin busca dar-lhe o sentido de algo que dá sustentação à divinização de Jesus. É sempre a mesma história que ocorre com aqueles que ficam presos aos dogmas estabelecidos: não enxergam o óbvio.

Quanto a explicação sobre a divergência nas traduções, encontramos-la em Bart D. Ehrman:

Em 1715, Wettstein foi à Inglaterra (em uma turnê literária) e teve completo acesso ao Códice Alexandrino, do qual já ouvimos falar quando abordamos Bentley. Uma parte do manuscrito mereceu a atenção particular de Wettstein: era uma daquelas questões acessórias de consequências enormes: dizia respeito ao texto de uma passagem-chave do livro de I Timóteo.

A passagem em questão, I Timóteo 3, 16, fora usada durante muito tempo por defensores da teologia ortodoxa em apoio da visão segundo a qual o próprio Novo Testamento chama Jesus Deus. É que o texto, na maioria dos manuscritos, refere-se a Cristo como "Deus tornado manifesto na carne e justificado no Espírito". Como já indiquei no capítulo 3 deste livro, a maioria dos manuscritos abreviava os nomes sagrados (os chamados *nomina sacra*, e esse é o caso justamente aqui, onde o termo grego para Deus (**ΘΕΟΣ**) é abreviado com duas letras, *teta* e *sigma* (**ΘΣ**), com uma linha traçada no topo das duas para indicar que se trata de uma abreviatura. Wettstein percebeu, ao examinar o Códice Alexandrino, que a linha sobre as duas letras fora feita em uma tinta diferente da que fora usada para as palavras circundantes, de onde se depreende que provinha de uma mão tardia (isto é, traçado por um copista posterior). Além disso, o traço horizontal do meio da primeira letra, **Θ**, não fazia realmente parte da letra, mas era uma linha que vazava desde o outro lado do velho velino. Em outros termos, em vez de se tratar de uma abreviatura (*teta-sigma*) de "Deus" (**ΘΣ**, a palavra era realmente formada por um ômicron e um sigma (**ΟΣ**), uma palavra completamente diferente, que significa simplesmente "quem". A redação original do manuscrito não falava, pois, de Cristo como "Deus manifestado na carne", mas de Cristo, "que foi manifestado na carne". De acordo com o testemunho antigo do Códice Alexandrino, Cristo deixa de ser explicitamente chamado de Deus nessa passagem. (ERMAN, 2006, p. 123)

Na verdade, já vimos uma variação textual relacionada a essa controvérsia cristológica em nossa discussão, no capítulo 4, das pesquisas textuais de J.J. Wettstein. Wettstein examinou o Códice Alexandrino, atualmente na Biblioteca Britânica, e determinou que em 1 Timóteo 3,16, onde a maioria dos manuscritos fala de Cristo como "Deus tornado manifesto na carne", esse manuscrito primitivo fala originalmente de Cristo "que foi tornado manifesto na carne". A mudança, em grego, é muito sutil – é apenas a diferença entre as letras teta e ômicron (**ΘΣ** e **ΟΣ**), que são muito semelhantes. Um copista tardio alterou a variante original, de modo que se deixou de ler "que" e passou a ler "Deus" (tornado manifesto na carne). Em outros termos, esse revisor tardio mudou o texto de modo a enfatizar a divindade de Cristo. É chocante perceber que a mesma correção ocorreu em quatro dos nossos outros manuscritos primitivos de 1 Timóteo. Todos eles encontraram revisores que mudaram o texto do mesmo modo, de modo que agora ele chama Jesus explicitamente de "Deus". Esse se tornou o texto da vasta maioria dos manuscritos bizantinos (isto é, medievais) posteriores – e por isso se tornou o texto da maioria das traduções antigas da Bíblias. (EHRMAN, 2006, p. 167).

Foi ótimo tomar conhecimento disso, pois agora temos argumentos para refutar aqueles que advogam que Jesus é o próprio Deus.

1Pe 3,18: *"Porque também Cristo morreu uma só vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; sendo, na verdade, **morto na carne, mas vivificado no espírito**;"*.

A ressurreição espiritual de Jesus (vivificado no espírito) é um fato que leva muitas pessoas a divinizá-Lo, sem se darem conta de que todos os seres humanos também ressuscitarão; uns para a glória (viver como espíritos puros), outros para a perdição (planetas inferiores, onde haverá prantos e ranger de dentes). O dia em que o homem se render à realidade do Espírito, o que de fato somos, então entenderá isso; até lá continuará mantendo suas crenças, tal e qual crianças que, por exemplo, acreditam ser verdadeira a história, contada pelos adultos, de que os bebês são entregues por cegonhas.

1Jo 5,1: *"Todo aquele que crê que **Jesus é o Cristo**, é o nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou, ama também ao que dele é nascido"*.

Entendamos o que significa a palavra Cristo: "O termo de origem grega significa 'ungido' e traduz o termo hebraico 'messias'. Os sumos sacerdotes (Lv 4,3-16; 15,16) e os reis de Israel (1Sm 12,3-5; 24,7.11; 2Sm 19,22) eram chamados de 'ungidos'". (Bíblia Sagrada Vozes – p. 1520) e até mesmo Ciro, rei da Pérsia, um pagão recebe o título "ungido de Iahweh" (Is 45,1) (Bíblia de Jerusalém, p. 1325). Assim, percebemos que se trata de um título e não um nome próprio como muitas vezes vemos nomeando-O, quando o correto seria dizer: Jesus, o Cristo. Se outras passagens bíblicas trazem pessoas também consideradas como ungidos, então não podemos dizer que a condição de "ungido" O transforma em divino, já que sua divindade decorre de sua evolução espiritual.

1Jo 5,7-8: *"Porque três são os que dão testemunho: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam"*.

Em princípio, esse passo nada teria a ver com o caso; entretanto, ele consta de algumas Bíblias⁵ com teor semelhante a este da Bíblia Anotada:

"Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito".

Vejamos o que nos explicam sobre essa divergência (o que grifamos):

O texto dos vv. 7-8 é acrescido na Vulg. De um inciso (aqui abaixo entre

5 Bíblia Sagrada – SBTB, Bíblia Anotada, Bíblia Shedd, Bíblia Sagrada – SBB, Bíblia Sagrada – Paulinas, 9ª, Bíblia Sagrada – Paulinas, 37ª ed. e Bíblia Sagrada – Barsa.

parênteses) **ausente dos antigos mss gregos, das antigas versões e dos melhores mss da Vulg.**, o qual parece ser uma **glosa marginal introduzida posteriormente no texto**: "Porque há três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra); o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só" (Bíblia de Jerusalém, p. 2132-2133). (grifo nosso).

De acordo com os melhores códigos, o texto original devia ser o seguinte: "O Espírito, a água e o sangue, e estes três são unânimes". Estes vv. São conhecidos como o "Coma Joaneó", cujo acréscimo tem sua autenticidade contestada embora seja verdadeira a doutrina nele exposta. (Bíblia Barsa, NT, p. 221). (grifo nosso).

Depois de "os que dão testemunhos", ^{h,p}ABVgSy **omitem as palavras acrescentadas em mss. gr. Posteriores e na Vg^c**, a saber: 'no céu, o Pai, a Palavra, e o espírito santo; e estes três são um. (Trad. Novo Mundo, p. 1407). (grifo nosso).

Jung, ao dizer que "não existe uma só passagem do Novo Testamento na qual a Trindade seja mencionada dum modo que possa ser expresso numa linguagem racional", remete-nos a uma nota na qual ele explica o seguinte:

O chamado Comma Johanneum que, sob este ponto de vista, constitui uma exceção, é um caso comprovadamente tardio e de origem duvidosa. Como textus per se (texto em si) e como revelatum explicitum (como revelado explícito) seria a prova mais convincente da ocorrência da Trindade no Novo Testamento. Trata-se de 1Jo 5,7: "Porque são três os que testificam: o Espírito e a água e o sangue, e estes três estão de acordo, (isto é, convergem no testemunho de que Cristo veio "pela água e pelo sangue". A Vulgata, neste lugar, traz a inserção tardia: "Quonian tres sunt, qui testiomonium dant in coelo: Pater, Verbum et Spiritus Sanctus: et hi tres unum sunt" [Porque três são os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três são um só].[...] (JUNG, 1988, p. 27).

Um estudioso que também fala disso é o ex-evangélico Bart D. Ehrman, Ph.D. em Teologia pela *Princeton University* e dirige o Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*, Chapel Hill. É especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e na vida de Jesus; ele afirma:

Havia, contudo, uma passagem-chave das Escrituras que os manuscritos-fonte de Erasmo não continham: trata-se do relato de **1 João 5,7-8**, que os pesquisadores chamaram de o parêntese joanino, encontrado nos manuscritos da Vulgata latina, mas não na vasta maioria dos manuscritos gregos, uma passagem que **foi, por muito tempo, a predileta entre os teólogos cristãos, dado que é a única passagem na Bíblia inteira que delinea explicitamente a doutrina da Trindade, segundo a qual há três pessoas na divindade, com todas as três constituindo um só Deus**. Na Vulgata, a passagem é lida assim:

Há três que conduzem o testemunho nos céus: o Pai, o Verbo e o Espírito e esses três são um; e há três que conduzem o testemunho na terra, o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um.

Trata-se de uma passagem misteriosa, mas inequívoca em seu apoio aos ensinamentos tradicionais da igreja sobre o "Deus trino que é um". Sem esse versículo, a doutrina da Trindade deve ser inferida de uma série de passagens combinadas para mostrar que Cristo é Deus, assim como o Espírito e o Pai, e que há, não obstante, um só Deus. Essa passagem, por seu turno, afirma a doutrina direta e sucintamente.

Mas Erasmo não a achou em seus manuscritos gregos, nos quais simplesmente se lê: "Pois há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um". Para onde foram "o Pai, o Verbo e o Espírito"? Eles não figuravam no manuscrito primário de Erasmo, nem em nenhum dos demais que ele consultou. Por isso, naturalmente, ele os deixou de fora de sua primeira edição do texto grego.

Foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que tirou do sério os teólogos de seu tempo, que **acusaram Erasmo de adulterar o texto, numa tentativa de eliminar a doutrina da Trindade e de desvalorizar o seu corolário, a doutrina da divindade plena de Cristo.** Particularmente Stunica, um dos editores-chefes da Poliglota Complutense, veio a público desacreditar Erasmo e insistir em que, em edições futuras, ele restituísse o versículo a seu lugar correto.

Com o desenrolar dos fatos, Erasmo - provavelmente em um momento de descuido - concordou em inserir o versículo em uma futura edição de seu Novo Testamento grego, sob uma condição: que seus adversários produzissem um manuscrito *grego* no qual o verso pudesse ser encontrado (achá-lo nos manuscritos latinos não era o bastante). Dessa forma, produziu-se um manuscrito grego. Na realidade, ele foi produzido nessa ocasião. Parece que alguém copiou o texto grego das epístolas e, quando chegou à passagem em questão, traduziu o texto latino para **o grego, dando o parêntese joanino em sua forma teologicamente aproveitável, familiar. O manuscrito providenciado para Erasmo era, em outras palavras, uma produção do século XVI, feita sob encomenda.** (EHRMAN, 2006, p. 91-92) (grifo nosso).

Assim, estamos vendo que a adição, que aparece em algumas traduções da Bíblia, tem o objetivo de se justificar a Trindade, dogma de Constantino, anuído pela Igreja Católica, o que poderá ser comprovado em nosso texto anteriormente indicado. Lembramos apenas que "Deus é realmente um, e é apenas em nossa capacidade limitada de conceber que Deus se torna três". (Barth, Karl, 1969, apud LORENZEN, 2002, p. 57).

1Jo 5,20: "*Sabemos também que já veio o Filho de Deus, e nos deu entendimento para **conhecermos aquele que é verdadeiro**; e nós estamos naquele que é verdadeiro, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. **Este** é o verdadeiro Deus e a vida eterna*".

Passagem ao gosto dos "divinizantes", que, apressadamente, a apresentam para sustentar suas crenças. Só que a coisa pode não ser tanto quanto querem, visto que, essa passagem, na versão dos tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, tem o seguinte teor:

*Nós sabemos que veio o Filho de Deus e nos deu a inteligência para **conhecermos o Verdadeiro (c)**. E nós estamos no Verdadeiro, no seu Filho Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a Vida eterna.*

Explicam-nos, em nota, o seguinte: c) Deus, o único verdadeiro (Jo 17,3+; cf. 8,31); 1Ts 1,9; Ap3,4) e o único verdadeiramente conhecido pelo que ele é: Vida e Amor. (Bíblia de Jerusalém, p. 2134). O que significa dizer que "O verdadeiro" que negritamos no passo deve ser entendido como "Deus, o único verdadeiro".

Na *Bíblia Sagrada Vozes*, encontramos a seguinte redação:

*"Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento para **conhecermos o Verdadeiro**. E nós estamos no Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. **Ele** é o verdadeiro Deus e a vida eterna*".

Observa-se, que o "este", da tradução anterior, passa a ser "Ele". Seus tradutores nos explicam "O Verdadeiro" dessa forma: *o verdadeiro Deus*, ou então, *Deus, o Verdadeiro*. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1553). O que faz ter o sentido diferente da tradução anterior. De igual modo a Bíblia Do Peregrino e Novo Testamento Loyola, encontramos "Ele".

Assim, percebemos que a polêmica toda, em torno dessa passagem, está ligada à questão de qual manuscrito se toma para as traduções. Por tudo que levantamos até o momento sobre o assunto, temos a convicção de que na passagem o "este" está se referindo a Deus e não a Jesus; essa ideia só se mantém por conta das traduções divergentes.

Considerando que, conforme já o dissemos alhures, o povo (Mt 16,13-14; 26,67-68; Jo 7,40 e 9,17), os discípulos (Lc 24,19; At 3,22) e o próprio Jesus (Lc 13,33; Jo 8,40 e Mc 6,4-5) diziam ser ele, o Mestre, um profeta; não somos nós que iremos negar isso, já que não vivemos naquela época.

Seria de grande interesse ver como esse problema já vem de longa data, sem que ainda se tenha ouvido as “vozes que clamam no deserto”.

Flávio Cláudio Juliano (em latim Flavius Claudius Iulianus) ou simplesmente Juliano (331-363) foi o último imperador pagão do Império Romano, e reinou entre 361 e a sua morte; vejamos o que Henry Bettenson (1910-1979), cita dele:

r. Juliano opina sobre cristianismo: O culto de Jesus e dos mártires Juliano Contra Christianos, apud Cirilo de Alexandria contra Julianum, X (op. IX.326ss)

Mas, infelizmente, não sois fiéis às tradições apostólicas: estas em mãos dos seus sucessores tornaram-se em máxima blasfêmia. **Nem Paulo, nem Mateus, nem Lucas ou Marcos ousaram afirmar que Jesus é Deus.** Foi o venerável João quem, constatando que grande número de habitantes das cidades gregas e italianas eram vítimas de epidemias, e ouvindo, imagino, que as tumbas de Pedro e Paulo se tornavam objeto de culto (privado, sem dúvida, mas sempre culto), João, repito, foi quem primeiro ousou fazer tal afirmação...

Este mal se deve a João. Quem, entretanto, denunciará a causa desta outra inovação, qual seja, a veneração dos corpos de muitos cristãos mortos ultimamente, além dos corpos dos apóstolos? Tendes enchido as praças com tumbas e monumentos... Opiniais que no particular nem sempre valem as palavras de Jesus... (Mt 23.27) declarando que os sepulcros estão cheios de imundície... como podeis invocar a Deus acima deles? (BETTENSON, 1967, p. 49-50) (grifo nosso).

Ernest Renan (1823-1892) disse que “Jesus não declara em momento algum que ele seja Deus. Ele se diz em relação direta com Deus, se diz filho de Deus. A mais alta consciência de Deus existente no seio da humanidade foi a de Jesus”. (RENAN, 2004, p. 138). E mais à frente, encontramos:

Que jamais Jesus tenha pensado em se fazer passar por uma encarnação do próprio Deus, é uma coisa que não se pode duvidar. Tal ideia era profundamente estranha ao espírito do Judaísmo; não há nenhum vestígio dela nos Evangelhos sinóticos [25], só a encontramos indicada nas partes do quarto Evangelho que menos podem ser aceitas como um eco do pensamento de Jesus. Às vezes parece que Jesus toma precauções para repelir tal doutrina [26]. **A acusação de passar por Deus, ou igual a Deus, é apresentada, mesmo no quarto Evangelho, como uma calúnia dos judeus** [27]. Nesse último Evangelho, Jesus se declara menor que seu Pai [28]. Em outro lugar, confessa que o Pai não lhe revelou tudo [29]. Ele se toma por um homem além do comum, mas separado de Deus por uma distância infinita. **Ele é filho de Deus; mas todos os homens o são ou podem tornar-se em diversos níveis** [30]. Todos, a cada dia, devem chamar a Deus seu pai; todos os ressuscitados serão filhos de Deus [31]. **No Antigo Testamento a filiação divina era atribuída a seres que não se pretendiam, de forma alguma, igualar a Deus** [32]. A palavra “filho”, nas línguas semíticas e na língua do Novo Testamento, tem as mais variadas acepções [33]. Além disso, a ideia que Jesus faz do homem não é essa ideia humilde que um frio deísmo introduziu. Em sua poética concepção da natureza, um único sopro permeia o universo: o sopro do homem é o de Deus. Habitando no homem, Deus vive pelo homem, assim como o homem que habita em Deus vive por Deus [34]. O idealismo transcendente de Jesus nunca lhe permitiu ter uma visão clara de sua própria personalidade. Ele é seu pai, seu Pai é ele. Ele vive em seus discípulos, está em toda parte com eles [35]; seus discípulos são um, como ele e seu Pai são um [36]. A ideia, para ele, é tudo; o corpo, que faz a distinção das pessoas, não é nada.

[25] Certas passagens, como Atos, II, 22, a excluem formalmente.

[26] Mat. IV, 10; VII, 21, 22; XIX, 17; Marc. I, 44; III, 12; X, 17, 18; Luc., XVIII, 19.

[27] João V, 18 e seg.; X, 33 e seg.

[28] João XIV, 28.

[29] Marc., XIII, 35.

[30] Mat. V, 9,45; Luc. III, 38; VI, 35; XX, 36; João, 1, 12-13; X, 34-35, Comp. Atos, XVII, 28-29; Rom. VII, 14-17, 19, 21, 23; IX, 26; II Cor. VI, 18; Gálat. III, 26; IV, I e seg.; Fil. II, 15; epístola de Barnabé, 14 (p. 10, Hilgenfeld, segundo o *Codex Sinaiticus*).e,

no Antigo Testamento, Deuter. XIV, 1 e sobretudo Sabedoria II, 13, 18.1

[31] Luc. XX, 36.

[32] Gen. VI, 2; Jó I, 6; II, 1; XXVIII, 7; Salmo II, 7; LXXXII, 6; VII, 14.

[33] O filho do diabo (Mat., XIII, 38; Atos, XIII, 10); os filhos deste mundo (Marc., III, 17; Luc., XVI, 8; XX, 34); os filhos da luz (Luc., XVI, 8; João, XII, 36); os filhos da ressurreição (Luc., XX, 36); os filhos do reino (Mat., VIII, 12; XIII, 38); os filhos do esposo (Mat., IX, 15; Marc., II, 19; Luc., V, 34); os filhos da geena (Mat., XXIII, 15); os filhos da paz (Luc., X, 6), etc. Lembremos que o Júpiter do paganismo é *pater andron te theon te*.

[34] Comp. Atos, XVII, 28.

[35] Mat. XVIII, 20; XXVIII, 20.

[36] João X, 30; XVII, 21. Ver, em geral, os últimos discursos relatados pelo quarto Evangelho, principalmente o cap. XVII, que exprimem bem um lado do estado psicológico de Jesus, embora não se possa encará-los Como verdadeiros documentos históricos.

(RENAN, 2004, p. 260-264). (grifo nosso).

Bart D. Ehrman afirma incisivamente que "Os escritos originais do Novo Testamento, porém, raramente trazem algo tão categórico como a afirmação 'Jesus é Deus'" (EHRMAN, 2008, p. 324), em nota ele explica: "Há algumas passagens que se aproximam disso (por exemplo, João 8:58, 10:30, 14:9) e eis uma das razões pelas quais os proto-ortodoxos gostavam delas, mas nenhuma faz menção explícita de Jesus como Deus". (EHRMAN, 2008, p. 389).

Juan Arias, jornalista, filólogo, escritor e ex-sacerdote, nascido Arboleas, Almería (Espanha) em 1932. cursou teologia, filosofia, psicologia, línguas semíticas e filologia comparada na Universidade de Roma. Durante quatorze anos foi correspondente na Itália e no Vaticano para o jornal espanhol *El País*. Antes disso, cobriu para o jornal *Pueblo* trabalhos do II Concílio do Vaticano. Viajou inúmeras vezes ao redor do mundo acompanhando os papas Paulo VI e João Paulo II. É autor de vários livros, publicados em mais de dez idiomas. Recebeu o *Premio a la Cultura de la Presidencia del Gobierno* e o *Castiglione de Sicilia* como melhor correspondente estrangeiro. Atualmente é correspondente no Brasil para *El País* e membro do Comitê Científico do Instituto Europeu de Design. Da sua obra *Jesus esse grande desconhecido* transcrevemos:

Jesus era diferente. Sem nunca renegar a sua condição de judeu cioso da Lei, foi imensamente crítico em relação à religião fossilizada de seu tempo. **Nunca se proclamou Messias nem Deus**, mas os que o seguiam, diante dos prodígios que realizava, sentiam-no como tal ou desejavam que o fosse. E, por mais que **ele às vezes protestasse, dizendo que não era ele mas Deus quem operava os milagres**, as pessoas e até os próprios apóstolos acreditavam literalmente que o novo Reino que ele anunciava era também um reino temporal e concreto que devolveria a Israel a liberdade perdida. E confiaram nele. (ARIAS, 2001, p. 100-101) (grifo nosso).

Arias possui credenciais suficientes para darmos crédito ao que fala. Se tivesse num encontro com o Presidente dos Estados Unidos, certamente, que este lhe diria: "Esse é o cara".

Concluimos dizendo que criar um mito é fácil, derrubá-lo torna-se a coisa mais difícil, tarefa quase impossível mesmo, visto que a grande maioria de nós não tem humildade suficiente para reconhecer que está errado, de um lado; e de outro o apego aos conhecimentos adquiridos como certos faz com que neguemos quase tudo o que nos vem de forma contrária; mesmo diante de elementos comprobatórios das verdades que nos são apresentadas; ou seja, agimos puramente por preconceito. Nossa maneira de agir é tal qual a daqueles que não queriam olhar o céu pelo telescópio de Galileu...

Se estendemos por demais esse estudo, não foi sem razão, visto tratar-se, como já o dissemos, de um assunto polêmico; por isso seguimos: "O rigor da crítica exige uma busca longa e precisa, um exame de cada ponto, depois dos quais, com vagar e precaução, podemos afirmar que estes autores dizem a verdade e aqueles outros mentem sobre os prodígios que narram". (ORÍGENES, 2004, p. 440).

Apenas mais três coisinhas, antes de finalizar, se nos permite a sua paciência, caro leitor. Todos nós temos repulsa aos rituais sangrentos de sacrifícios de animais; pior ainda quando, ao invés de animais, são utilizados seres humanos. A origem deles sabemos ser os rituais pagãos; mas, apesar disso, encontramos nas páginas da Bíblia, tanto um quanto o outro. Os rituais de expiação pelos pecados praticados pelos judeus envolviam animais – touros, bodes, carneiros, cabritos, etc. -, na tola esperança de serem perdoados de seus pecados, quando o supremo Criador do Universo passa a perdoá-los por ter sentido o "odor

agradável" de carne assada. Aliás, não sabemos quem inventou essa história, pois Deus nega veementemente que tenha instruído tais barbaridades: "*Pois quando tirei do Egito os antepassados de vocês, eu não falei nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios*" (Jr 7,22) e também afirmou que "*eu quero amor e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos*" (Os 6,6); essa afirmação foi confirmada pelo Mestre que disse: "*E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios*". (Mc 12,33).

Manassés, rei de Judá (687-642 a.C.), chegou a sacrificar seu filho no fogo (2Rs 21,1-7), o que também fez Acaz, rei de Israel (737-732 a.C.) (2Cr 18,1-4). Jefté, nono juiz de Israel, para cumprir uma promessa idiota que fez, mandou queimar sua filha (Jz 11,30-40), até mesmo toda Jerusalém foi acusada de entregar seus filhos para serem queimados (Ez 16,20-21; Jr 19,4-5).

Um outro sacrifício foi feito por Jerusalém; aquele que fazem questão de lembrar todos os anos na Semana Santa. É isso mesmo; embora, não tenham queimado Jesus, numa oferenda, não deixaram por menos; pregaram-no numa cruz. Sabemos que, na verdade, não foi um sacrifício oferecido; mas a cristandade tem sua morte como tal, o que corroboramos em Rohden:

Infelizmente, porém, a ideia do bode expiatório que morreu para o judaísmo, continua no cristianismo, com a diferença de que agora o bode expiatório não é mais um animal inocente, que, morrendo, extingue os pecados humanos, mas sim o único homem sem pecados que, segundo a teologia, paga com sua morte os pecados da humanidade. (ROHDEN, 1996, p. 96) (grifo nosso).

E aí, magistralmente, conclui:

Depois desse pagamento dos pecados da humanidade pelo sangue de Jesus, era de se esperar que o homem estivesse quite com a justiça divina; mas os teólogos ensinam que todo homem nasce de novo em estado de pecado, vive e morre cheio de pecados – não se sabe em virtude de que lógica... (ROHDEN, 1996, p. 97) (grifo nosso).

Aceitando isso como querem, ou seja, o Messias como um "bode expiatório", então, estamos diante de mais um absurdo teológico: Deus aceitando a expiação do pecado da humanidade após um sacrifício humano, que foi o do seu filho Jesus.

Dito isso, vamos às três coisas:

1ª) Como um sacrifício de uma pessoa até a morte pode redimir o pecado de uma outra?;

2ª) Caso Jesus seja mesmo Deus, ficaremos em grande dificuldade para entender, como Deus, descendo do céu, encarnando num corpo humano (Jesus), utiliza-se de sua morte na cruz para oferecer-se em sacrifício a si próprio visando a remissão dos pecados da humanidade. Não seria mais prático e, portanto, mais lógico fazer isso com um simples perdão?;

3ª) Considerando que os rituais de sacrifício eram feitos pelos pecados já cometidos, então devemos esperar um outro Cristo para morrer pelos nossos, os cometidos depois de sua morte até o presente?

Fechando esse estudo, queremos apenas acrescentar que não temos a pretensão de demover os que advogam a divindade de Jesus, da ideia de ser ele o próprio Deus, nem convertê-los à nossa maneira de pensar; estamos apenas propondo uma reflexão sobre esse assunto, e os que tiverem "ouvidos de ouvir, que ouçam". Você, caro leitor, poderá até estranhar o motivo pelo qual enveredamos nessa reflexão. Respondemos: É que sempre achamos impossível seguir o exemplo de Jesus considerando-o como sendo Deus; e pensando assim, nenhum esforço fazíamos para tal; entretanto, considerando-o um ser humano encarnado como todos nós, e deixando a sua evolução fora disso, é mais viável assim entender, embora saibamos não ser uma tarefa muito fácil.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

jun/2009.

(revisão jul/2012)

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Eletrônica versão 1.0 – Rk Soft Desenvolvimentos.
- Bíblia Eletrônica versão 3.0.7 – Rk Soft Desenvolvimentos.
- Bíblia Mensagem de Deus - Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.
- Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada – SBTB. s/ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- ARIAS, J. *Jesus esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ASCH, S. *Moisés*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.
- BETTENSON, H. *Documentos da Igreja cristã*. São Paulo: Aste, 1967.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado: versículo a versículo: vol. 3*. São Paulo: Hagnos, 2005c.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado: versículo a versículo: vol. 5*. São Paulo: Hagnos, 2005e.
- CHAVES, J. R. *A Face oculta das religiões*. Santo André - SP: EBM, 2006.
- EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? - quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- EHRMAN, B.D. *Evangelhos perdidos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- HARPUR, T. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.

- JUNG, C. G. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993f.
- KENYON, J. D. (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KERSTEN, H. *Jesus viveu na Índia*. São Paulo: Best Seller, 1988.
- KERSTEN, H. E GRUBER, E. R. *O buda Jesus – as fontes budistas do cristianismo*. São Paulo: Best Seller, 1995(?).
- LEWIS, D. A leste de Qumran: em busca das raízes da fé ocidental. In KENYON, J. D. (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 37-46.
- LORENZEN, L. F. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.
- RENAN, E. *Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a bíblia foi manipulada*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- ROHDEN, H. *Que vos parece do Cristo?* São Paulo: Martin Claret, 4ª ed. 1996 (?).
- ROHDEN, H. *Jesus Nazareno*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SÁNCHEZ-GARNICA, P. *O grande Arcano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SILVA, A. G. *A Bíblia através dos séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- SILVA, S. C. *Analisando as traduções bíblicas*. João Pessoa: 2001.
- Internet:
- <http://www.osantuاريو.com.br/azazel.php>, acesso em 24/05/2009 às 10:26hs.
- <http://www.bibliacatolica.com.br/10/50/1.php>, acesso em 08.05.2009 às 15:02hs.
- <http://www.bibliacatolica.com.br/11/50/1.php>, acesso em 08.05.2009 às 15:03hs.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>. Acesso em: 31 out. 2024.